

COSTURANDO

SANTAS E FLORES



FRANCIÉLI DE QUADROS

COSTURANDO SANTAS E FLORES

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado como requisito parcial de obtenção de
título de Licenciada em Dança na Universidade
Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dra. Kátia Salib Deffaci

MONTENEGRO

2023

Catálogo de publicação na fonte (CIP)

Q1e Quadros, Francieli de

Costurando santas e flores/ Francieli de Quadros. –
Montenegro: Uergs, 2023.

78 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade
Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Dança (Licenciatura),
Unidade em Montenegro, 2023.

Orientadora: Prof.^a Dra. Kátia Salib Deffaci

1. Artista. 2. Dança. 3. Mulheres. 4. Trabalho de Conclusão de
Curso (Graduação). I. Deffaci, Kátia Salib. II. Curso de Dança
(Licenciatura), Unidade em Montenegro, 2023. III. Título.

FRANCIÉLI DE QUADROS

COSTURANDO SANTAS E FLORES

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado como requisito parcial de obtenção de
título de Licenciada em Dança na Universidade
Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dra. Kátia Salib Deffaci

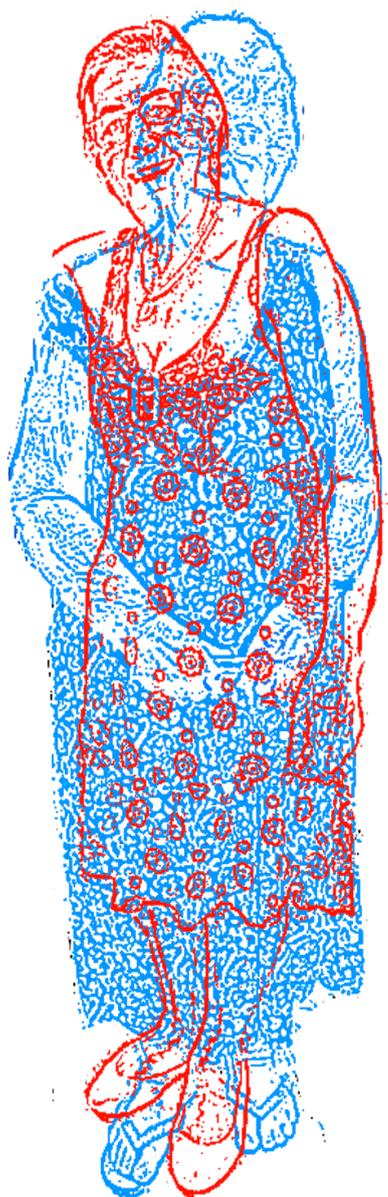
Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Dra. Kátia Salib Deffaci

Prof.^a Dra. Aline da Silva Pinto

Prof.^a Ma. Sílvia da Silva Lopes



Aos fios invisíveis que entrelaçam as páginas desta jornada, dedico este trabalho a todas as mulheres que, como costureiras, tecem a tapeçaria da vida. Às minhas finadas avós, verdadeiras santas em meu coração, a minha irmã e à minha mãe, que com amor, sabedoria e coragem moldaram os passos desta dança. Cada palavra é um tributo, cada movimento uma celebração de suas histórias entrelaçadas com a minha, costurando um tecido único de experiências e emoções. Que este trabalho seja um espelho das lágrimas que não consegui conter, dos sorrisos e alegrias que compartilhamos ao longo do caminho.

Aos meus pais, irmãos, avós, afilhados, família, amigos, professores e colegas, que foram a trilha sonora silenciosa e os aplausos desta jornada na licenciatura em dança. Direta ou indiretamente, cada um de vocês deixou sua marca, colorindo as páginas deste capítulo em movimento. E especialmente às mulheres que, como “santas flores”, continuam a dar a vida em busca de um lugar, de uma liberdade em territórios patriarcais onde o silêncio tenta se impor. Que estas palavras ressoem como uma suave melodia, reconhecendo a força e a resiliência que brotam em cada mulher que ousa costurar sua própria história.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todas as mulheres que, com seus fios invisíveis, teceram as páginas desta jornada, especialmente às minhas avós Laura Loni Schütz Roesle e Santa Idalina Berlezi de Quadros, que partiram recentemente, e deixaram um vazio desmedido em meu coração. Ainda que não estejam fisicamente presentes, suas memórias são refletidas em cada passo desta pesquisa/dança. Seus legados moldaram não apenas a performance que apresento, mas também a mulher que me tornei e me torno a cada dia. Através das histórias e do amor que sempre me ofereceram, elas foram pilares fundamentais na minha trajetória de vida. Cada movimento, cada cor, cada nota de minha apresentação é tingida com as nuances das experiências compartilhadas, das memórias e das lições transmitidas por essas mulheres incríveis que guiam-me mesmo na ausência física.

Agradeço profundamente à mulher mais forte que eu já conheci na vida, minha mãe Cleni Livia de Quadros, que mesmo não sabendo de sua força tamanha e das tantas vidas que já ajudou/mudou, que com amor, sabedoria, coragem, também moldou os passos desta dança, sendo também a inspiração por trás de cada movimento. Minha irmã e minha mãe, além de exemplos, são minhas melhores amigas e eu agradeço muito por isso, todos os dias. Essas mulheres costumam diariamente um tecido único de experiências e emoções que moldam quem sou. Michéli de Quadros, minha irmã, desculpa por ter te chamado para fotografar a apresentação, eu gostaria que tivesse ido assistir, mas eu não conseguiria pensar em outra pessoa para registrar tão bem este momento e só do jeito que você sabe fazer, eternamente a melhor fotógrafa do mundo.

Não poderia de deixar de agradecer também o meu pai Sérgio de Quadros, que mesmo eu tendo deixado de ser criança e vendo o pai como um herói, como costumávamos vê-los nas escolas, ainda hoje ele continua sendo o meu e é o homem que mais admiro neste mundo, obrigada por tudo e por tanto, você foi a peça fundamental para que eu continuasse aqui e conseguisse finalizar minha segunda graduação. Espero que você e a mãe saibam o quanto são essenciais e especiais pra mim, nem sei se mereço tudo isso. OBRIGADA POR TANTO!

Ao meu irmão Sérgio de Quadros Júnior, melhor baterista (até tentei trazer para apresentar comigo, mas é um cara muito ocupado) que foi inspiração para que eu seguisse o caminho da dança, que não sendo muito mais velho que eu, sempre foi a

percussão que me encaminhou nesta trajetória, que fez com que eu visse na música e na arte, uma maneira especial de encontrar a felicidade, nunca deixarei de ser a irmã “sombra” que te irrita um tanto e segue por todos os cantos.

Aos meus afilhados, meus avôs, minha família, amigos e colegas, que foram a trilha sonora silenciosa e os aplausos desta jornada na licenciatura em dança. Cada um de vocês deixou uma marca, colorindo as páginas deste capítulo em movimento, tornando cada desafio uma oportunidade de encontro, crescimento e aprendizado.

Meu pequeno grande homem Otto de Quadros Ramos, você é minha vida!

Ao Thales Kisner Nogueira, cujo toque musical foi mais do que notas, foi o ritmo que me acompanhou e me acalmou antes e durante a apresentação, a melodia que deu vida aos meus passos. Sua contribuição foi uma parte essencial desta experiência, e agradeço por ter estado ao meu lado nesse palco simbólico.

À minha orientadora, Kátia Salib Deffaci, que conseguiu orientar uma desorientada, guiando-me com paciência, sabedoria, incentivo, de maneira leve, calma e acolhedora. Sua orientação foi além do esperado, os caminhos que me indicou foram não só os que eu estava buscando, mas também que eu estava precisando, você foi luz e sou imensamente grata por sua presença inspiradora e pela ajuda na condução de um caminho tão desafiador e um tanto doloroso. OBRIGADA!

Agradeço também à Aline da Silva Pinto e Sílvia da Silva Lopes, membros da minha banca e que foram muito além do papel acadêmico.

À todas as professoras (Kátia, Sílvia, Aline, Ju Vicari) que juntas, dançamos, aprendemos, ensinamos, vivemos e sinto que formamos uma família que ultrapassa as barreiras da sala de aula. Vocês foram presença, apoio e foram como luzes que me encantaram, iluminando meu caminho, fazendo com que eu não desistisse, agradeço a vocês por tudo e por cada momento que compartilhamos.

A todos os que contribuíram, de uma forma ou de outra, para esta jornada, meu profundo agradecimento. Cada um de vocês é uma peça valiosa do quebra-cabeça que compõe este capítulo significativo da minha vida.

Retornando às minhas avós, espero que este trabalho seja, não apenas uma homenagem, mas um tributo contínuo a vocês que tanto significam para mim. Com lágrimas de saudades e gratidão, celebro a influência eterna de vocês, cujos ensinamentos continuam a inspirar cada passo desta jornada chamada vida, espero ter conseguido de alguma forma, homenageá-las como vocês merecem.

RESUMO

“Costurando Santas e Flores” é mais do que uma performance de dança; é uma expressão artística profundamente pessoal que tece as histórias de mulheres significativas na vida da licencianda em dança. O trabalho explora as conexões emocionais, identidades pessoais e a jornada de transformação de uma artista, refletindo sobre os capítulos do "Cordão Umbilical", passando por "É uma Menina", até chegar em "Do Ateliê à Cena". A dança serve como um meio de expressar gratidão, respeito, homenagem e a busca por conexões, revelando retalhos de histórias que ecoam na própria essência da artista. Este projeto é uma celebração dessas mulheres, destacando suas vidas, desafios e conquistas. Ao costurar movimentos, cores e memórias, a performance se torna uma expressão única e autêntica, enraizada na busca pela compreensão, respeito e reconhecimento das mulheres que moldaram a narrativa pessoal da artista e de todos ao seu redor.

Palavras-chave: Dança. Mulheres. Artista.

ABSTRACT

"Costurando Santas e Flores" is more than a dance performance; it is a deeply personal artistic expression that weaves the stories of significant women in the life of the dance major. The work explores emotional connections, personal identities, and the journey of transformation of an artist, reflecting on the chapters of "Cordão Umbilical," moving through "É uma Menina," until reaching "Do Ateliê à Cena." Dance serves as a means to express gratitude, respect, tribute, and the search for connections, revealing patches of stories that resonate in the artist's own essence. This project is a celebration of these women, highlighting their lives, challenges, and achievements. By stitching together movements, colors, and memories, the performance becomes a unique and authentic expression, rooted in the quest for understanding, respect, and recognition of the women who shaped the personal narrative of the artist and everyone around her.

Keywords: Dance. Women. Artist.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Na incubadora.....	17
Figura 2 - Queimada, aos cuidados carinhosos de minha mãe.....	18
Figura 3 - Fios gigantes sem enchimento	20
Figura 4 - Imagens do sistema circulatório.....	22
Figura 5 - Cena de interação com projeção.	23
Figura 6 - Cena com o vestido que minha avó materna usou para as fotos de Bodas de Ouro e para ser coroada Rainha do seu grupo	25
Figura 7 - Registro da cena com o vestido que costurei para minha avó paterna.....	28
Figura 8 - Registro de cena, onde as duas cores se "misturam"	30
Figura 9 - Registro da cena final, quando as luzes se apagam.....	34
Figura 10 - Cena de onde "parto"	35
Figura 11 - Minhas avós: Laura Loni e Santa Idalina	39
Figura 12 - Um abraço de mulheres, de força, de um coletivo formado em salas de aulas.....	43
Figura 13 - Uma troca gostosa e inesperada com o Samuel.....	44
Figura 14 - Minha casa, meu ateliê, meu campo de pesquisa	45
Figura 15 - Imagens da produção, do coletivo que me ajudou, antes da apresentação artística.....	56
Figura 16 - Thales e eu	58
Figura 17 - Confecção de figurinos e cenários	60
Figura 18 - Projeção interativa	62
Figura 19 – Otto - Um de meus maiores vínculos na vida.....	63
Figura 20 - Imagens feitas durante um dos processos de criação	65
Figura 21 - Cena de improvisação com os fios giggantes.....	67
Figura 22 - Os fios que me moveram	68
Figura 23 - Auréola.....	69
Figura 24 - Asas-escápulas.....	71
Figura 25 - Fim ou começo?.....	73
Figura 26 - Obrigada!	75

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 CORDÃO UMBILICAL	17
1.1 OS FIOS QUE ME COSTURAM.....	21
1.1.1 Através da cor vermelha	24
1.1.2 Através da cor azul.....	27
1.1.3 E qual é a minha cor?.....	29
1.1.4 Círculo cromático	32
1.1.5 P&B.....	33
2 É UMA MENINA	35
2.1 HERSTORIES	36
2.2 O OUTRO	40
2.3 QUEM SOMOS NÓS NO AMBIENTE EDUCACIONAL	42
3 DO ATELIÊ À CENA	45
3.1 ALINHAVANDO A ESTRUTURA	45
3.2 FIOS DO TEMPO: A DANÇA DAS FLORES E DAS SANTAS NO PROCESSO DE CRIAÇÃO EM DANÇA	48
3.3 TANZTHEATER: UMA FUSÃO DE DANÇA E TEATRO	52
3.4 SEGUINDO OS PASSOS DE SAYONARA	54
3.4.1 Processo criativo de “Costurando Santas e Flores”	54
3.4.2 Processo de montagem	55
3.4.3 Vozes, músicas e sons.....	57
3.4.4 Objetos cênicos	59
3.4.5 Figurino.....	60
3.4.6 Iluminação.....	61
3.4.7 Projeção.....	61
3.4.8 Cores.....	63
3.5 CENA A CENA	64
3.5.1 Um minuto de silêncio	66
3.5.2 Uma avó de cada lado.....	66
3.5.3 Veias e costura	67
3.5.4 Emendando as lembranças	68
3.5.5 Espera	68

3.5.6 Flores.....	70
3.5.7 Asas.....	70
3.5.8 Caixa de música	72
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS.....	76

INTRODUÇÃO

Sempre pensei que seria fácil escrever ou falar sobre minha vida e sobre as pessoas que fazem parte dela, ledo engano, e cá estou, sentada em frente ao computador, tentando escrever sobre algumas mulheres que fizeram parte da minha história, diante de um desafio, o de costurar suas histórias, buscando compreender assim, a minha vida, me vejo como uma trama, onde há muitos “fios” delas em mim.

Pesquisa em dança oferece um suporte singular para explorar questões pessoais, que vai além da exploração acadêmica, com ela consegui muitas vezes expressar minha individualidade. Enquanto danço, meu corpo em movimento se torna uma linguagem que transcende as palavras, permite que eu comunique emoções e experiências de maneiras profundas e significativas. A dança tem sido minha paixão e minha forma de autoexpressão, e encontrei na arte do movimento uma maneira poderosa de explorar quem sou e buscar respostas sobre minha identidade pessoal.

Quando iniciei o curso de licenciatura em dança, durante um componente de psicologia da educação em que estudávamos sobre identidade, deparei-me com uma pergunta impactante: “quem é você?”. Essa questão tocou profundamente em minha mente, persistindo como um desafio constante e inspirando-me a escolher o tema para o meu trabalho de conclusão de curso. Passei quase seis anos de faculdade pensando em um tema para abordar no meu trabalho de conclusão de curso e pouco antes de começar todo o processo, mudei, pois em pouco tempo, percebi que muito do que eu pensava que eu era, não fugia do que outras mulheres antes de mim, de gerações anteriores foram e são. Embora inicialmente, estivesse pensando em explorar a temática da liberdade do corpo feminino, do feminismo, da sensualidade, questões de gênero, empoderamento, igualdade, etc. (assuntos que além de sempre despertarem meu interesse, pareciam estar ligados à minha busca por uma identidade pessoal, que iria além das expectativas impostas e das amarras da sociedade). Ao refletir sobre minha jornada pessoal, percebi a necessidade de direcionar meu trabalho para um aspecto mais presente e significativo no momento.

Foi então que, ao considerar a recente perda das minhas avós, decidi redirecionar o foco do meu trabalho, honrando suas histórias, trazendo a percepção que tive de minhas semelhanças com as mulheres que vieram antes de mim. Foi doloroso perceber esse momento, foi doloroso ver duas vidas escorrerem pelas minhas mãos e não conseguir fazer NADA. Socorro, eu pensava, não sabia onde e

nem a quem recorrer, pensava em como ajudar, no que fazer para manter aqueles corpos físicos por mais tempo ao meu lado, mas também percebi que algumas vezes, não adianta fazer nada, a gente simplesmente escorre quando morremos, assim como quando nascemos.

Dando continuidade, pretendo explorar os territórios da costura, das santas e das flores. E esses territórios se tornaram relevantes para mim, pois representam a maior herança que recebi das notáveis matriarcas da minha família. A costura é uma prática que atravessa gerações, que me ligou muitas vezes às minhas avós, mãe e irmã. As santas (herança da avó paterna) e as flores (herança da avó materna) são símbolos que evocam a espiritualidade, a força e a beleza feminina, elementos que estiveram presentes em minha criação e que moldaram minha visão de mundo. Através das histórias e lembranças dessas mulheres, que influenciam na minha vida a todo momento, espero encontrar “respostas” sobre minha identidade pessoal.

Enquanto eu estava frequentando o ambiente acadêmico, deparei-me com desafios que desestabilizaram meus pensamentos e me levaram a questionar minha identidade. Essas experiências, embora dolorosas, proporcionaram-me uma oportunidade única de crescimento e autoconhecimento. Descobri que os momentos mais desafiadores são frequentemente os que mais nos revelam sobre nós mesmos. E assim, mesmo que de forma não intencional, esses momentos difíceis começaram a ocupar um lugar de destaque na minha resposta à pergunta “quem sou eu?”. Não busco explorar esses momentos para que tenham pena do momento em que estou passando, mas sim para reconhecer a força interior que está presente em todos nós e compartilhar uma experiência com a qual muitos possam vir a se identificar.

É curioso pensar que alguns dos momentos mais impactantes ocorreram durante os anos em que estive na faculdade. Algumas das situações desafiadoras já fizeram parte de pesquisas/projetos dos quais participei/realizei, e acredito que eles desempenharam um papel fundamental na construção de quem sou hoje. No entanto, ao abordar as inquietações do meu trabalho de conclusão, decidi que era hora de reconhecer um aspecto mais presente e urgente da minha vida, que é a recente perda das minhas avós. Com apenas três meses de diferença entre suas partidas, a experiência de lidar com a perda e o luto foi e está sendo profundamente impactante. Essas mulheres excepcionais deixaram um legado de sabedoria, amor e coragem que atravessa gerações. Ao refletir sobre os momentos preciosos que compartilhei com

elas, percebi o quanto suas histórias/*herstories*¹ merecem ser honradas e celebradas neste trabalho.

Ao longo da minha formação acadêmica, principalmente quando tive oportunidade de estar em sala de aula, atuando como professora de dança, pude apreciar a importância das narrativas pessoais e como elas moldam a identidade das pessoas. Essa compreensão despertou uma profunda reflexão sobre o rumo que tomei na minha pesquisa. Após refletir e considerar os conhecimentos adquiridos ao longo dos anos, decidi redirecionar o foco do meu trabalho de conclusão. Ao explorar as vidas das mulheres inspiradoras da minha ancestralidade, pretendo não apenas compreender melhor minha própria jornada, mas também prestar uma homenagem sincera às matriarcas da minha família. Essa mudança de tema não implica em um afastamento total do que anteriormente pesquisava, mas sim em uma ampliação da abrangência, ao trazer à tona a história e a influência dessas mulheres notáveis, em outras palavras, irei expandir o foco da pesquisa para incorporar essa nova temática, mas ainda reconhecerei a relevância e a continuidade dos elementos que já havia pesquisado anteriormente.

Nesta pesquisa de graduação em dança, costurarei as vidas de minhas avós, explorando os momentos compartilhados e as características que percebi em cada uma delas. Movida pela sensibilidade e pelo respeito, buscarei dar voz às suas experiências, mesmo quando suas palavras foram mais sutis. Durante os últimos meses de convivência, pude perceber o imenso significado de cada diálogo compartilhado, compreendendo que a expressão silenciosa também possui um poder profundo. Assim, no decorrer desta pesquisa, estarei entrelaçando suas histórias, tecendo momentos, gestos e memórias que vão além das palavras faladas. Pretendo revelar suas vivências, ressaltando as marcas que deixaram. Ao fazer isso, desejo reconhecer que suas histórias são reflexos das lutas e conquistas de muitas mulheres de suas gerações, como também são testemunhos únicos de suas vidas singulares.

Ao unir minha pesquisa em dança às histórias pessoais de minhas avós, busco criar uma experiência que vá além da estética, que seja intensa em sentidos e significados como artista, pesquisadora, professora de dança. Quero oferecer um

¹ *Herstory* é uma adaptação de “*history*”, onde se substitui o “*his*” por “*her*”, termo esse que busca destacar uma perspectiva feminista através de narrativas, com uma abordagem que valorize e reconheça as histórias e experiências das mulheres ao longo do tempo, contrastando com a predominância das narrativas focadas nos homens.

tributo sincero às minhas avós, mulheres que moldaram minha própria jornada, explorando a dança como uma forma de expressar sua força, paixões e riqueza de conhecimento. Ao entrelaçar a arte/memória, busco celebrar suas vidas enquanto descubro mais sobre minha própria identidade e conexões com o passado.

Ao costurar as vidas das mulheres que me precederam com os fios da dança, revelo um emaranhado de histórias que ecoam em meu próprio ser. Nesta jornada de pesquisa e autoconhecimento, descubro que a dança transcende o tempo, conectando gerações e tecendo laços eternos. Com profunda admiração e respeito, compartilho as narrativas das importantes mulheres que me antecederam (com grande importância na minha vida, na minha história), honrando o legado de força, amor e inspiração que trago em meu movimento.

Nesta pesquisa de graduação em dança, meu objetivo principal é “costurar” as vidas das mulheres inspiradoras da minha ancestralidade, explorando os momentos compartilhados e as características que percebi e percebo em cada uma delas, com escrita e movimento. Ao fazer isso, não espero apenas compreender melhor minha própria jornada, mas também perceber a importância das narrativas pessoais e sua influência na construção da identidade individual das mulheres, algo tão caro nas pesquisas das artes cênicas feministas, guiadas pelas *herstories*.

Através da dança, pretendo expressar esse emaranhado em busca de conexão, respeito e agradecimento às mulheres mais importantes da minha vida, revelando cada retalho de suas histórias que ecoam em meu próprio ser.

No primeiro capítulo que segue o trabalho, “Cordão Umbilical”, falo sobre as raízes emocionais que alimentaram essa dança. É como se fosse o fio que me conectou às minhas origens. Assim como o cordão umbilical nos liga à vida, este capítulo serve para criar uma conexão com a história por trás de “Costurando Santas e Flores”.

Já o segundo capítulo intitulado “É uma Menina”, entro na construção da identidade. Exploro aqui também o fato de que a dança vai além do corpo, tornando-se uma linguagem visual que fala sobre identidade, emoções, e relações familiares.

No terceiro capítulo “Do Ateliê à Cena”, revelo os bastidores do processo criativo, da ideia ao palco. Cada pedacinho planejado, aqui ganha vida e mostra como arte e tecnologia se unem para criar minha obra.

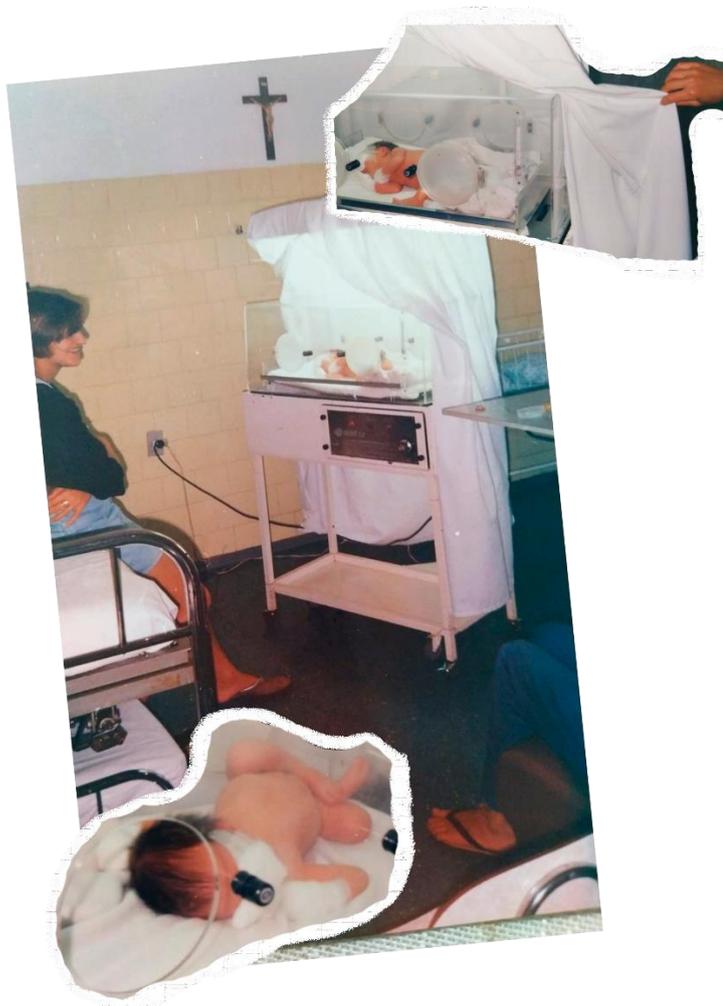
Cada capítulo é como uma peça importante desse quebra-cabeça emocional. Convido você a explorar “Costurando Santas e Flores” comigo, entendendo um pouco

da complexidade dessa dança que vai muito além do movimento, ela toca raízes de histórias compartilhadas, cores especiais e a transformação do ateliê para o palco.

1 CORDÃO UMBILICAL

Desde o momento em que vim ao mundo, fui desafiada a demonstrar minha força. Com três voltas do cordão umbilical ao redor do pescoço, meu nascimento foi marcado por obstáculos. Esse cordão umbilical, que me unia à minha mãe, também tornou-se um desafio, exigindo cuidados especiais e atenção médica imediata. Logo após o parto, fui colocada na incubadora (Figura 1) devido ao amarelão, infelizmente, a temperatura estava muito alta, me causando queimaduras, deixando meu corpinho todo vermelho (Figura 2) e levando, ao longo dos dias, ao descascamento de todo ele, inclusive dos meus olhos e língua.

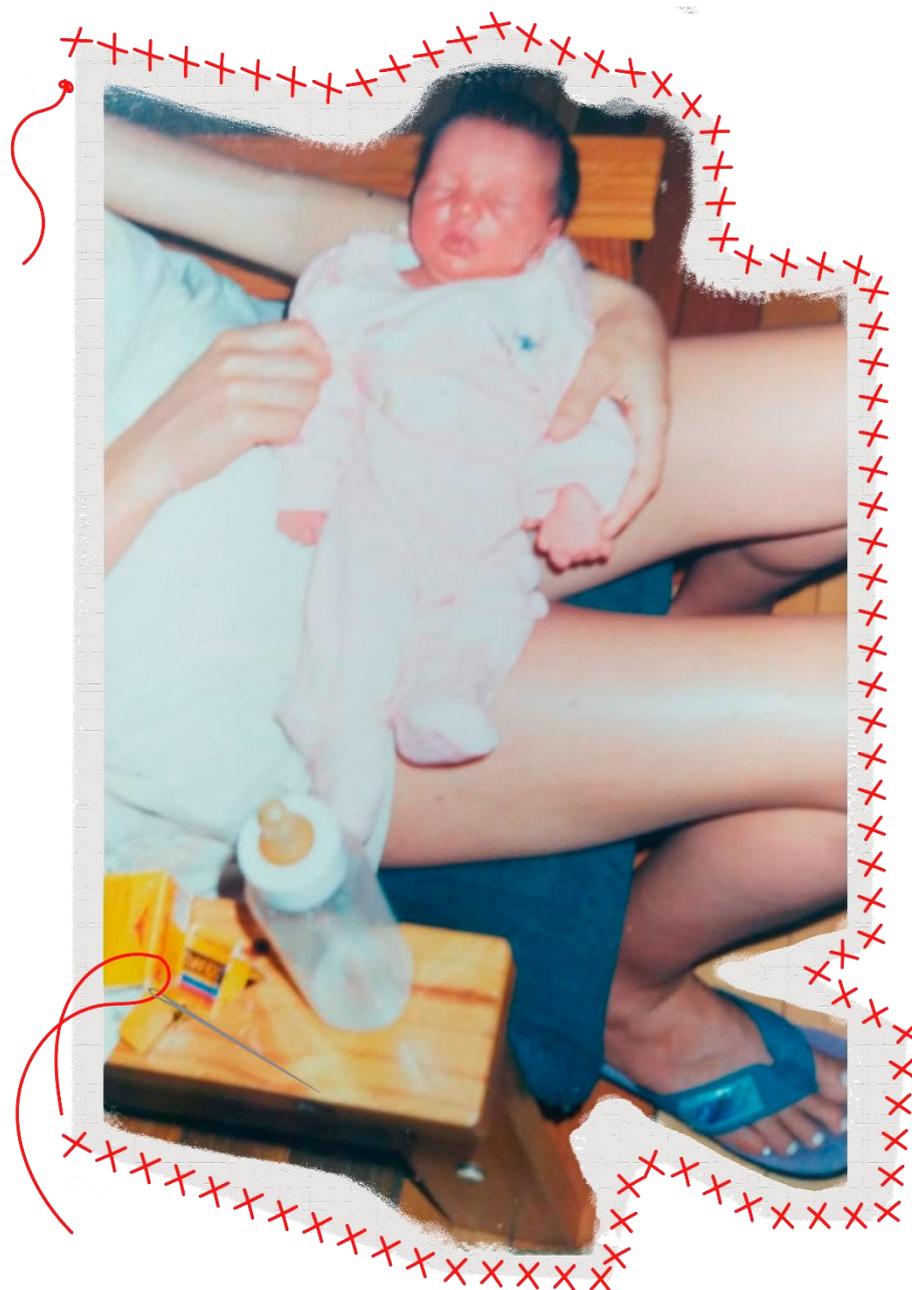
Figura 1 - Na incubadora



Fonte: Sérgio de Quadros (1991) – Edição: Autora (2023)

Nessa fase delicada, minha avó materna foi uma presença fundamental, cuidando de minha mãe e oferecendo apoio. Além dela, meus avôs e avó paterna também estiveram ao lado de meus pais, oferecendo suporte e ajudando a cuidar dos meus irmãos. Essas experiências iniciais influenciaram demais minha vida, inspirando-me a enfrentar obstáculos com coragem, enquanto aprendia a valorizar a força, delicadeza e singularidade do cordão umbilical que me uniu à minha mãe.

Figura 2 - Queimada, aos cuidados carinhosos de minha mãe



Fonte: Sérgio de Quadros (1991) – Edição: Autora.

Além disso, há histórias marcantes sobre o nascimento de meus pais. No caso de minha mãe, o momento de alegria e amor foi acompanhado por uma hemorragia em minha avó materna. Já no nascimento de meu pai, foi o encantamento que surgiu da experiência, com minha avó paterna expressando orgulho por seu filho, dizendo próximo aos seus últimos dias de vida que ele foi o bebê mais lindo que ela já viu. Tanto meu pai quanto minha mãe são os primogênitos de suas famílias, carregando consigo a responsabilidade e as expectativas que vêm com essa posição. Essa precedência nas gerações estabelece um lugar único para nós, moldando nossas vidas e trajetórias. Ser o primeiro a abrir caminho é uma honra e uma responsabilidade que conecta as gerações passadas e futuras, e também moldou suas vidas e trajetórias de maneira única.

Esses momentos únicos de nascimento e as histórias familiares que os acompanham dão profundidade à minha própria jornada. Eles demonstram a importância do cordão umbilical como símbolo de conexão e nutrição, além da família como base emocional e apoio mútuo. A partir dessas raízes sólidas, encontro força e inspiração para explorar meu potencial na dança e na vida. Ao refletir sobre esses momentos especiais, reconheço a influência deles na minha identidade e em minhas escolhas. Eles reforçam meu compromisso de honrar e preservar as histórias familiares, enquanto busco criar minha própria trajetória na dança. Cada movimento que faço não deixa de ser uma homenagem às gerações anteriores e uma expressão de amor, reconhecimento e respeito por esses vínculos que me trouxeram à vida.

Assim, a jornada da vida tem início com o nascimento, um momento repleto de desafios e emoções intensas, onde o cordão umbilical simboliza nossa conexão ancestral. É nesse momento que mostramos nossa força, e o apoio da família se torna ainda mais importante, fortalecendo os laços que nos unem desde o primeiro vínculo com o cordão umbilical, e uma base sólida para enfrentar os desafios futuros e nutrir nossa conexão com o passado e as raízes que nos sustentam. “Considerando esses aspectos, a reflexão crítica e a compreensão histórico-cultural devem ser o alicerce da dança na educação, sem que se esqueça a sua natureza humana e seu poder de transformação da sociedade” (SANTOS, 2021, p.35).

A dança vai além de movimentos físicos, ela se torna um veículo que incorpora a riqueza da diversidade cultural, permitindo que expressemos nossas raízes de forma artística. A conexão com nossa ancestralidade é profundamente entrelaçada nos movimentos, tornando a dança não apenas uma expressão individual, mas um elo que

um passado, presente e futuro. Essa compreensão enriquece não apenas a prática da dança, mas também a educação, ao reconhecer o poder transformador que a diversidade cultural e as histórias de cada um exercem em nossa sociedade.

Como já foi lido até aqui, este trabalho fala sobre a minha pessoa e ao dedicar uma parte significativa desta pesquisa à minha própria jornada, é natural ponderar sobre a linha tênue entre uma análise pessoal profunda e um olhar egocêntrico, mesmo que minha intenção não seja centrar a narrativa exclusivamente em mim. Isso não é um exercício de egocentrismo, vejo mais como uma exploração honesta e vulnerável das influências que moldaram minha identidade, expressão artística e um lugar onde outras mulheres podem estar “inseridas”, pois muitas vezes, as narrativas pessoais vão além do individual, ressoando em experiências compartilhadas.

Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros (POLLAK, 1992, p.200).

Figura 3 - Fios gigantes sem enchimento



Fonte: Autora (2023).

Nesse sentido, a pesquisa busca não apenas entender a minha vida, meus momentos, mas costurar as particularidades da minha vida em uma colcha de retalhos universal de experiências humanas, principalmente das experiências de outras mulheres.

O cordão umbilical poderia ser um título sem explicação, mas eu gostaria de escrever sobre ele para dar uma continuidade ao trabalho, não deixando que a costura

se rompa ou desfaça já no início da minha escrita (Figura 3). Pensando nisso, trouxe o cordão umbilical, que além de conectar o feto ao útero da mãe durante a gestação, fornecer nutrientes, oxigênio, eliminar resíduos produzidos pelo feto, ele é composto por vasos sanguíneos, que mesmo sendo cortado após o nascimento, continuam sendo sangue do “mesmo sangue”¹, ²assim, o cordão é muitas vezes usado para simbolizar uma conexão profunda e fundamental entre duas ou mais pessoas.

1.1 OS FIOS QUE ME COSTURAM

Ao me perder nas recordações das minhas avós, é como se folheasse um álbum de fotos, ali, suas diferenças já saltam à vista, mas ao mesmo tempo em que nelas haviam muitas diferenças, havia também uma semelhança. Essa reflexão não se limita apenas a elas, estende-se a outras mulheres que desempenharam papéis cruciais na minha história (bisavós, mães e outras mulheres mais velhas que conheci ao longo da vida). A triste semelhança que atravessa gerações é perceptível e parece ser compartilhada por várias mulheres: sofrimentos, traições, dores e a busca incessante por um espaço próprio, onde suas vozes possam ser ouvidas e consigam fazer com que sejam reconhecidas em suas individualidades.

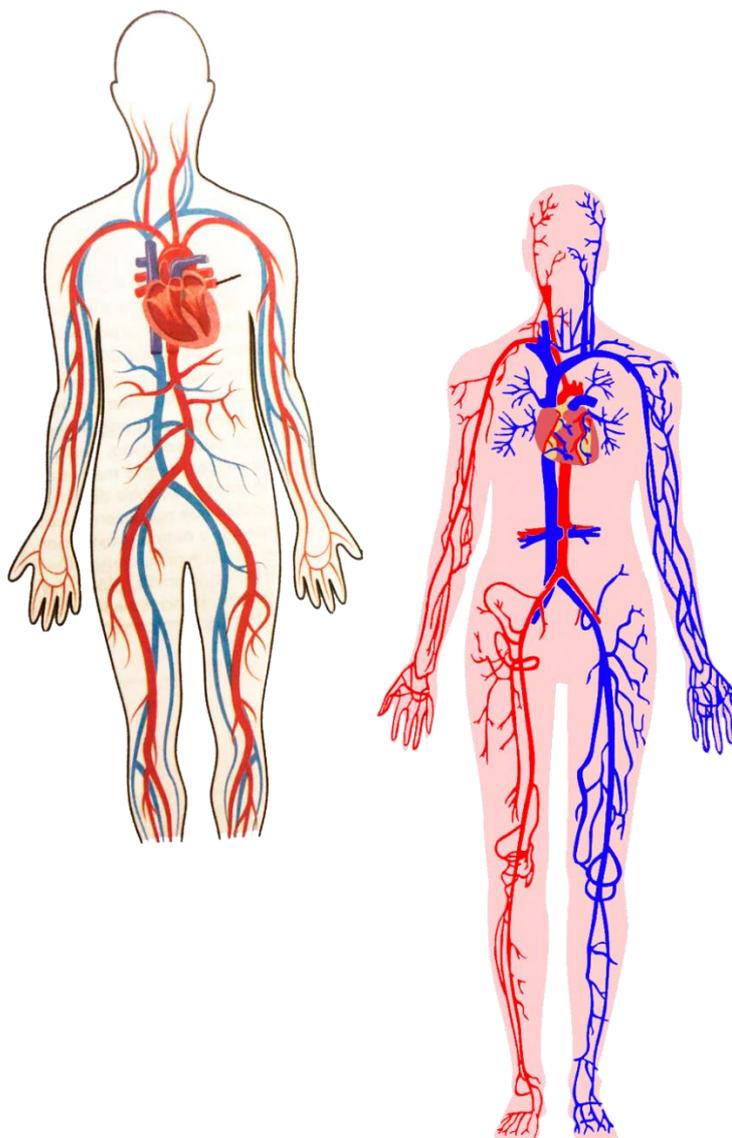
Na minha infância eu estive cega para as “sombras”. As mulheres mais velhas, como minhas avós, faziam um esforço para esconder o peso que carregavam, sempre apareciam para mim sorrindo, com uma certa leveza. A costura, uma das muitas lições que aprendi com minhas avós, tornou-se constante na minha vida. Cada ponto de agulha foi muito mais do que uma mera costura na qual costumava fazer; os pontos que fiz durante o trabalho de conclusão foram uma homenagem a elas, e eu me senti a todo o momento como uma obra minuciosamente costurada, uma colcha de retalhos em constante evolução, onde cada retalho representa experiências entrelaçadas, e cortar ou substituir pedaços fazem parte do processo de customização ou reforma.

Ao observar as veias e artérias no sistema circulatório, a imagem exprime a costura peculiar à nossa existência, o que se pode ter uma ideia ao observar a Figura 4.

² Metáfora utilizada entre parentes que acreditam que o sangue igual remete à família, popular no Rio Grande do Sul.

As cores vermelhas e azuis delineiam linhas que ecoam a costura que percorre minha vida. Essas mulheres notáveis, habilidosas “costureiras” do destino, teceram os fios da minha identidade com sabedoria e dedicação que transcende o tempo. Recordar suas vidas é um desvendar de um bordado emaranhado, um processo muito doloroso que estou enfrentando, onde cada ponto conta histórias de resistência, amor, tradição e mais muitos outros significados.

Figura 4 - Imagens do sistema circulatório



Fonte: A imagem da esquerda é do “O GRANDE LIVRO DO CORPO HUMANO” (2021); a da direita é uma ilustração que criada no Adobe Illustrator - Autor (2023).

O grande livro do corpo humano (O GRANDE... 2021, p.34) traz as veias como canos muito finos que levam o sangue de todo o corpo de volta para o coração. Essas

estruturas anatômicas, se assemelhando à costura da vida, evocam uma conexão profunda com as histórias das avós. Apresentam três tamanhos diferentes, de grande, médio e pequeno calibres e seu tamanho aumenta à medida que se aproxima do coração, além do calibre, existem as veias superficiais e profundas, sendo as superficiais, visíveis pela transparência na pele, ao contrário das profundas. A maior parte das veias transporta o sangue venoso, aquele que é rico em gás carbônico, o que se diferencia das pulmonares, que transportam o sangue arterial (com oxigênio) dos pulmões para o coração. As veias possuem três camadas, também chamadas de túnica, das quais, a túnica adventícia é a parte externa, esta é formada de tecido conjuntivo flexível, ela é responsável por nutrir as camadas internas e fixar a veia aos tecidos ao redor. A média é mais resistente e formada por tecido elástico e muscular e a túnica íntima é constituída de tecido conjuntivo fino e células planas além de válvulas unidirecionais, que auxiliam no transporte do fluxo sanguíneo, evitando a ação da gravidade (O GRANDE... 2021, p.34).

Figura 5 - Cena de interação com projeção.



Fonte: Michéli de Quadros (2023)

Já as artérias (O GRANDE... 2021, p.33) revelam-se como tubos elásticos que conduzem o sangue oxigenado, destacando sua principal, a aorta, conectada ao ventrículo esquerdo, assegurando um fluxo constante. Essa descrição ressoa com a costura que percorre minha vida. Cada ponto é uma pulsação, cada pulsação, um testemunho visível da vida fluindo pelas veias que me conectam às minhas raízes.

Em uma complexidade de cores, decidi atribuir uma representação única a cada avó: uma foi personificada pelo azul profundo das veias, enquanto a outra ganhará vida na intensidade vermelha das artérias. Essas cores, mais do que simples pigmentos, se transformaram nos fios que costuram as histórias e personalidades de cada matriarca. Nesta perspectiva, partiremos agora em uma viagem pelos caminhos de cada veia/artéria, pelos matizes³ que colorem as lembranças e os legados passados das minhas avós (Figura 5), um breve resumo dos principais pontos que levei para a apresentação artística⁴, o tecido do destino que se entrelaçou com as memórias e moldaram os caminhos que resolvi seguir.

1.1.1 Através da cor vermelha

Através da cor vermelha, trago a memória afetuosa da minha avó materna, cujas mãos habilidosas deslizavam suavemente sobre agulhas e linhas, criando peças de arte que ultrapassavam o simples ato de costurar. Representada pelo vibrante vermelho, trouxe em minha costura uma corrente de vitalidade. Suas veias carregadas de histórias intensas e apaixonadas, fez com que espalhasse intensidade, paixão e muita energia, o vermelho aqui não é apenas uma cor, mas um símbolo de coragem, calor e uma chama que sempre iluminou os caminhos que percorri.

A força da veia vermelha de minha avó materna revela-se não apenas nas palavras, mas nas ações impulsivas e na determinação que marcou sua vida. Cada batimento desse coração ardente deixou marcas permanentes em minha própria jornada, impulsionando-me a enfrentar desafios com a mesma resiliência que ela exibiu ao longo dos anos.

Minha avó materna era como um jardim em plena floração, apaixonada também pelas flores que refletiam as muitas cores de sua personalidade. Cada pétala vibrante era uma extensão de sua alegria, enquanto cada espinho representava as adversidades superadas com graça. Ao “explorar as veias” dessa matriarca, mergulhei nas profundezas de uma paleta rica de experiências, onde o vermelho não denota

³ Matiz é a palavra usada quando se refere a cor em si, sua tonalidade ou variação, por exemplo, na mistura de duas primárias, podemos criar vários tons de cores secundárias, vários matizes (GUIMARÃES, 2000, p.34)

⁴ Link do vídeo da apresentação artística: <https://youtu.be/jc1tpUxIWbA>

apenas uma cor, mas simboliza a paixão que ela imprimia em cada momento que compartilhamos.

Figura 6 - Cena com o vestido que minha avó materna usou para as fotos de Bodas de Ouro e para ser coroada Rainha do seu grupo



Fonte: Michéli de Quadros (2023)

Conseguo vê-la em um vermelho saturado (

Figura 6), adornado das mais belas flores e TNT (tecido não tecido) que ela usava para decorar a casa e o quiosque em todas as ocasiões. Junto a ela, a costura da vida se desenrolou com a intensidade de uma chama que nunca se apagará e a delicadeza de uma flor que desabrocha, revelando as nuances de uma alma extraordinária.

Minha última imagem dela, quando ela ainda se movimentava e conversava um pouco, na UTI, foi ela retribuindo o coração que fiz com as mãos, quando estava saindo de seu leito e por trás do seu coração tortinho feito com muito esforço, um sorriso que só ela sabia dar, aquele sorriso que além de expressar com os lábios, também eram vistos de longe pelos seus olhos, que brilharam como estrelas e que me fazem chorar toda vez que penso em não ter mais a rotina de vê-los pessoalmente.

Ela era uma das mulheres que não só me conhecia muito bem, como também, me via, me sentia, ela sabia quando eu precisava de um colinho, de um abraço ou até de conselhos, que na maioria das vezes eu nunca seguia, mas ela sabia e ela é grande parte do que me tornei hoje. Muito do que aprendi, não só de costuras, mas de

artesanatos e afins, muitas vezes foi para atender a um de seus pedidos, ela sempre me mostrava as coisas que gostava (quase tudo o que se possa imaginar) e eu ia lá fazer, se não sabia, aprendia e fazia, ela foi a minha maior e melhor cliente e ela adorava dizer isso e quando eu dizia isso para os outros.

Escorpiana, dona da razão, amava um microfone e até seu canto desafinado hoje, me faz sorrir e faz muita falta. Ela foi música para meus ouvidos, ela era a própria arte, nela, eu encontrava tudo o que passei a admirar e dela, eu encontrei coragem para ser, não preciso ser perfeita como o meu signo promete, apenas fazer, estar ali, aproveitar os momentos, sorrir, chorar, cantar, se divertir. Além de flores, algo que me faz e fará muita falta também é dos dias em que eu chegava na sua casa, mesmo sendo verão, ela sabia que eu amava coraçõzinho⁵, não demorava para eu vê-la carregando a lenha para fazer fogo no fogão de chapa da sua cozinha, buscar ovos das galinhas, caso não tivesse o suficiente, pegar uma bacia enorme e juntar os ovos, as três colheres de açúcar para cada ovo, a nata, o leite, a farinha, o fermento... e lá estava o melhor lanche que eu já comi na vida, os “coraçõzinho” da vó Loni.

Acumuladora, a vó sempre gostou de comprar muitas coisas, e sempre guardava tudo, “vai que eu precise”, sua casa era um lugar cheio, seu roupeiro “cuspiu” roupas das mais variadas cores e quanto mais “frufu”, detalhes, cores tinham, mais ela gostava. Seus últimos anos de vida foram festejando, ela passava tardes com meu avô nos bailinhos e ser a rainha do grupo de idosos se tornou hábito, ela já estava entrando no sexto ano consecutivo, mesmo falando desde o primeiro que “no ano que vem, eu não vou ser a rainha”; era porta bandeira no carnaval, era aplaudida em todos os lugares que ia e sempre acompanhada do meu avô. Algo que eu falo para todos que conheço, quando falo dela e de relacionamento é que, mesmo depois de muito sofrer, seus últimos anos foram marcados com muito amor, companheirismo e paixão, sua última noite na sua casa, dormiu de conchinha com meu avô e no hospital, falava da falta que isso fazia.

Meu avô, passou a ver e respeitar a minha avó nesses últimos anos também, dizia que a felicidade dele, era muito em fazer ela feliz, pois ele já a havia entristecido muito e nos dias de UTI dela, ele sempre levava uma flor escondida no bolso e dava a ela, sempre uma flor diferente, sempre uma flor que ele arrancava de um é da própria casa, sempre um pedacinho da história dela, da história deles ali, para ela passar o

⁵ Nome que ela deu para os waffles que ela fazia, que na forma que ela tinha, saía com formato de flor, mas ao separar os pedaços, ficavam com formato de coração.

resto do dia. Gosto de dizer que nesses últimos anos, eles aproveitaram muito a vida, viajaram, dançaram, cantaram, conheceram muito lugares e meu avô, parecia o rabinho de minha avó, onde ela ia, lá vinha ele atrás dela.

Da vida dela, eu carrego em mim o amor e a busca pela felicidade, nas grandes e pequenas coisas, nos bons e nos piores momentos.

1.1.2 Através da cor azul

Através da cor azul, me transporto para as lembranças sagradas da minha avó paterna, que era muito religiosa. O azul que a representa é como a força de suas orações, uma presença que sempre me guiou com fé.

As veias azuis dela carregavam essa devoção, formando um rio fervoroso de fé que influenciou a minha própria conexão com o sagrado, mesmo que essa seja diferente da maneira que ela se conectava com sua religião. Assim como o vermelho, o azul, aqui, não é só uma cor, é um símbolo de confiança, serenidade e da conexão dela com o divino, presente em vários de seus gestos e palavras.

Minha avó paterna era como uma santa de verdade, suas orações eram como canções poderosas que ecoam ainda hoje. Cada passo dela, principalmente depois de ter tido um AVC, eram uma expressão de sua devoção, e suas mãos, quase sempre juntas, em oração, costurava cada “fuxico”, os juntava e deixou uma colcha de fuxicos, espiritual, que atravessará gerações.

Ao explorar as veias azuis, dessa matriarca, me permiti mergulhar em um oceano de fé que vai além do que podemos tocar. O azul profundo de sua espiritualidade tingiu minha própria jornada com a serenidade de que suas palavras e orações emanavam.

Imagino ela envolta em azul, como se estivesse usando um manto celestial, suas orações como raios de luz iluminando o caminho (Figura 7). O azul da devoção dela permanece como um guia, me conduzindo através das tempestades da vida. Cada lembrança dela é como uma página sagrada que enriquece a história da minha existência.

Esta avó, é lembrada por muitos como a pessoa que vivia nas panelas, na igreja (ou na frente da televisão, ligada no canal Aparecida⁶), ou sentada na sua cadeira, na garagem de sua casa, lendo o jornal.

É a comida dela que eu tentei por anos aprender a fazer, para conseguir sentir um pouco do gostinho que eu só pude sentir ali, nas várias mesas da sua casa. Essa, ao contrário da outra, gostava do básico, tinha conforto, mas era o necessário, seu roupeiro tinham pouquíssimas peças de roupas, tinha espaço sobrando ali, seu quarto tinha o roupeiro, quase vazio, roupas de cama, toalhas, um ar condicionado que há muitos anos ela nem ligava, uma cama de casal, um móvel onde se encontravam uma Nossa Senhora de Aparecida, um caderno de orações, uma Bíblia em um pedestal de madeira e um terço.

Figura 7 - Registro da cena com o vestido que costurei para minha avó paterna



Fonte: Michéli de Quadros (2023)

Vó, estou com uma dor aqui, toma esse chá que melhora; vó, não estou conseguindo dormir direito, faz um chá de alface; estou com infecção urinária, calma aí que não lembro o nome do chá, vou lá pegar meu livro, mas é fazer um banho de acento com ele que é tiro e queda; acho que estou ficando gripada, coloca meia cebola e alho dentro de uma meia, dorme com ela, no outro dia estará nova.

⁶ Canal de televisão aberta, onde os programas são todos relacionados à religião, onde minha avó assistia missas, rezava terços e acompanhava Romarias à distância.

Sim, ela não é a avó que liguei com as flores, mas ela tinha a cura para tudo, ela era a cura, além dos chás, ela fazia orações, que até hoje eu tenho certeza que me ajudaram muito mais quando precisei, do que qualquer chá. Pessoa de uma fé incomparável, nunca sabíamos direito o que ela estava pensando, além de, o que iria fazer pra gente comer, ou esperar o horário da missa, mas a sua fé era tanta que, mesmo com as barbáries que estavam acontecendo no Mundo, ela nunca se preocupou se a porta estava trancada, se o portão da garagem estava aberto e sempre que era questionada sobre isso, como dormir com a casa toda aberta, ela dizia que o que estava escrito para ela “passar”, não importava se a porta estaria aberta ou não e que se levassem as coisas dela, eram coisas materiais, apenas.

Essa mulher muito me orgulhou e orgulha, me ensinou tanto e o sorriso dela, semelhante ao da outra avó, vinha com um som, era um sorriso “alto”, uma gargalhada gostosa que também me entristece de não mais ouvir quando eu chegar na casa dela e fazer uma piada, por exemplo. Por ser muito religiosa, acreditava que o casamento deveria seguir, ela não queria ser uma mulher separada, por isso, também sofreu e aguentou muitas coisas na vida, mas sempre esteve em pé e conseguia compartilhar momentos prazerosos comigo, mesmo quando eu sabia que algo a estava preocupando, a diferença que vejo nelas quanto a isso?! A transparência, enquanto a outra avó deixava o orgulho falar mais alto, esta, a Dona Santa, colocava para fora todas as palavras que tinha vontade de falar.

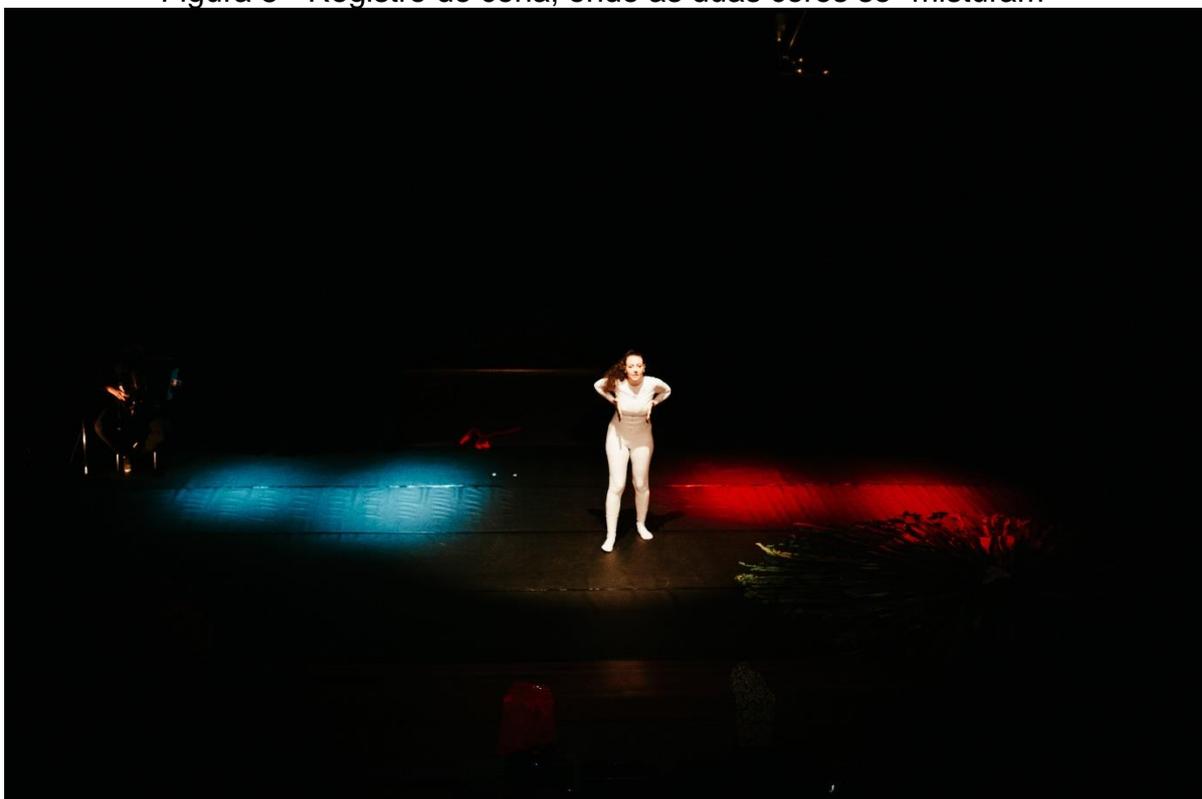
1.1.3 E qual é a minha cor?

Maria Helena Santos (2014) nos ensina que, em termos de pigmentos, as cores primárias são o vermelho e o azul (também o amarelo, mas essa cor não está com ênfase neste trabalho). Essas cores, quando misturadas, dão origem a uma paleta diversificada, e é nesse espaço de mistura que emerge a cor roxa, chamada secundária.

Assim como a combinação de vermelho e azul cria o roxo, as histórias de vida entrelaçadas das minhas avós contribuem para a tonalidade única que sou. Por mais que as cores primárias representam aspectos distintos, o vermelho pode evocar paixão, enquanto o azul transmite serenidade, entretanto, a beleza verdadeira se revela na combinação dessas nuances, criando um matiz que vai além das fronteiras das cores primárias.

Ao explorar as memórias das mulheres marcantes em minha vida, cada uma representada por uma cor primária, surge a reflexão: “Qual é a minha cor?” Se uma avó é a vermelha e a outra, a azul, eu não deveria ser roxa? Essa tonalidade única, resultante da mistura de experiências intensas e momentos serenos, se torna a expressão viva das histórias que moldaram minha existência. Vamos explorar essa mistura de cores, mergulhando nas lembranças que pintam o quadro da minha própria identidade, vamos tentar compreender um pouco desse universo roxo, onde as cores primárias se entrelaçam, dando origem a uma secundária repleta de significados e nuances que contam a história das mulheres fortes que deixaram sua marca nos retalhos da minha vida (Figura 8).

Figura 8 - Registro de cena, onde as duas cores se "misturam"



Fonte: Michéli de Quadros (2023)

O roxo que compõe minha personalidade é como a mistura de tintas feita pelas características únicas das minhas avós. A paixão vibrante da avó materna, simbolizada pelo vermelho ardente, é como um fogo intenso. Suas histórias apaixonadas, energia contagiante e coragem se misturam de forma única. Isso se equilibra com a serenidade azul da avó paterna, uma calma que percorre como um

rio tranquilo. Sua devoção, a espiritualidade e a paz que carregava são como águas se movimentando suavemente.

A fusão desses elementos cria o roxo da minha personalidade, um matiz vibrante e calmo ao mesmo tempo. É como se as cores das minhas avós se encontrassem em mim, formando um espectro de experiências além das fronteiras das cores primárias. Durante minha vida, vivi momentos marcantes com cada avó, contribuindo para a formação desse “roxo” singular. As tarde ensolaradas costurando com a avó materna, cheias de paixão, contrastam com os dias serenos, normalmente noturnos e silenciosos costurando ao lado de minha avó paterna. Cada situação moldou diferentes aspectos da minha vida, criando uma tapeçaria rica em cores.

Refletir sobre as lições transmitidas por cada avó revela um conjunto de valores e princípios que moldaram minha visão de mundo. Segundo Myriam Moraes Lins de Barros (1989), a visão de mundo dos avós sobre a família não é estática, mas sim moldada pela trajetória de vida e pelos papéis que desempenharam no seio familiar. Ao relembrem sua história e estabelecerem as dinâmicas familiares na lembrança, os avós constroem uma representação em constante evolução. Essa construção, influenciada pela experiência vivida, reflete lições, valores e princípios que, ao longo do tempo, são transmitidos de forma não apenas atemporal, mas também espacialmente variável. Essa transmissão de valores não apenas reflete a visão de mundo dos avós, mas também molda e influencia a percepção e os valores adotados pelas gerações futuras (BARROS, 1989, p.34).

A avó materna me ensinou a abraçar a vida com paixão e ousadia, abraçar uma árvore e cuidar das plantas como se fossem pessoas, enquanto a avó paterna trouxe a serenidade e a espiritualidade como guias. Juntas, essas lições formam a base sólida do meu caráter e nelas eu via o espelho de meu orgulho, dos dias em que estive brava, a força que tive para enfrentar situações que me abalaram e a coragem de seguir em frente.

A mistura de cores, representando as experiências das minhas avós, é um testemunho de resiliência. Mesmo diante das adversidade, absorvi o melhor de cada uma, tornando-me mais forte e mais rica em experiências. A capacidade de mesclar a intensidade com a tranquilidade é um reflexo da força que herdei dessas mulheres extraordinárias.

Este “roxo” continuará a evoluir, assim como eu. As lições e influências das minhas avós continuarão a moldar minhas escolhas e meu caminho no futuro. Em

cada decisão, vejo traços de paixão e serenidade, formando uma paleta dinâmica que guiará meu percurso com sabedoria e determinação.

1.1.4 Círculo cromático

Ao explorar as influências em minha vida, é inevitável falar sobre a figura materna, que vem da representação da cor vermelha (avó materna), no entanto, com o tempo, essa cor parece adquirir tons próprios, revelando uma tonalidade única que é minha mãe. Explorei também as muitas cores que compõem a personalidade da minha irmã, um arco-íris de nuances que enriquecem o cenário da minha existência. Soma-se a isto a perspectiva de Ana Cristi Beier (2019) sobre o preto e o branco, refletindo sobre como essas cores, muitas vezes tidas como opostas, coexistem e se entrelaçam na costura da vida. Beier (2019) compartilha uma visão intrigante, onde o branco é descrito como a ausência das cores e o preto como a soma das cores, uma reflexão que ressoa com a complexidades das experiências humanas.

Ao considerar a influência materna, personificada pela cor vermelha, percebo que essa tonalidade, ao longo do tempo, se transforma em algo exclusivo, adquirindo nuances que refletem a singularidade de minha mãe. Suas características vibrantes e apaixonadas moldam um matiz que vai além do simples vermelho, tornando-se uma cor única, cheia de profundidade e significado.

A personalidade da minha irmã, por sua vez, é um verdadeiro espetáculo de cores, um arco-íris que colore os momentos da minha vida. Cada nuance representa uma faceta distinta de quem ela é, formando uma paleta diversificada que contribui para a riqueza do meu próprio espectro emocional. A convivência com essa gama de cores torna minha experiência mais vibrante e multifacetada.

Beier (2019), em sua reflexão sobre o preto e o branco, oferece uma visão intrigante das dualidades na vida. O branco, entendido como a ausência das cores, e o preto, como a soma das cores, criam um contraste que reflete as complexidades humanas. Essa perspectiva reflete com as experiências vividas, onde muitas vezes nos encontramos entre extremos, buscando equilíbrio na mistura única que compõe nossa existência.

Dessa forma, o círculo cromático da minha vida se expande para além das cores primárias, incorporando todo um arco-íris de cores que atravessam gerações até chegar na minha história. Cada cor, com sua singularidade, contribui para a rica

tapeçaria que é minha vida, formando um quadro único e cheio de significado no vasto círculo cromático da existência.

1.1.5 P&B

No percurso das gerações, as histórias, como linhas entrelaçadas, tecem o quadro da minha existência. Minha avó, símbolo do vermelho vibrante, carrega em si muito do azul sereno. Assim como a avó de espiritualidade profunda, representada aqui pelo azul, é tingida também por características que a cor vermelha nos dá. Não somos definidos por uma única cor, somos um espectro em constante mudança.

Se eu fosse uma folha em branco, então a vida, em suas nuances, começou a colorir minha tela. Como uma mistura de tintas, as experiências das mulheres que me antecederam me tingiram com matizes ricos e profundos. A “avó vermelha” com nuances de azul, a “avó azul, com traços de vermelho, assim como eu, que continuo a me transformar em várias cores.

O branco inicial se transforma em preto, não como ausência, mas como a soma de todas as cores que nos atravessam. Somos feitos de momentos, influências, e a mistura desses elementos nos torna únicos. A folha em branco se enche de cores, criando uma obra única (Figura 9

Figura 9).

Nossas histórias, emaranhadas, formam a essência da mulher que sou. Somos como costuras em constante evolução, somos como uma roupa que a cada momento está sendo customizada, modificada, ganhando nuances à medida que vivemos. A vida nos torna pretos de tantas cores que nos atravessam, uma mistura que nos transforma em verdadeiras obras de arte, cada um com traços anteriores, mas únicos, individuais.

Muitas mulheres, trabalhadoras e, especialmente, as feministas, têm lutado nas últimas décadas pela construção de uma esfera pública democrática. Elas querem afirmar a questão feminina e assegurar a conquista dos direitos que de referem à condição da mulher. Por isso mesmo, é importante que possamos estabelecer as pontes que ligam as experiências da história recente com as do passado, acreditando que nos acercamos de um porto seguro e nos fortalecemos para enfrentar os inúmeros problemas do presente (PRIORE, 2004, p.504)

Assim, encerro este capítulo, não como um convite, mas como um registro de cores e costuras que compõem a trama dos fios que me costuram. Parto para o próximo capítulo, onde as histórias das mulheres ganham ainda mais destaque, ressaltando a importância de compartilhar nossas experiências e celebrar as diversas tonalidades que compõem os tecidos da vida.

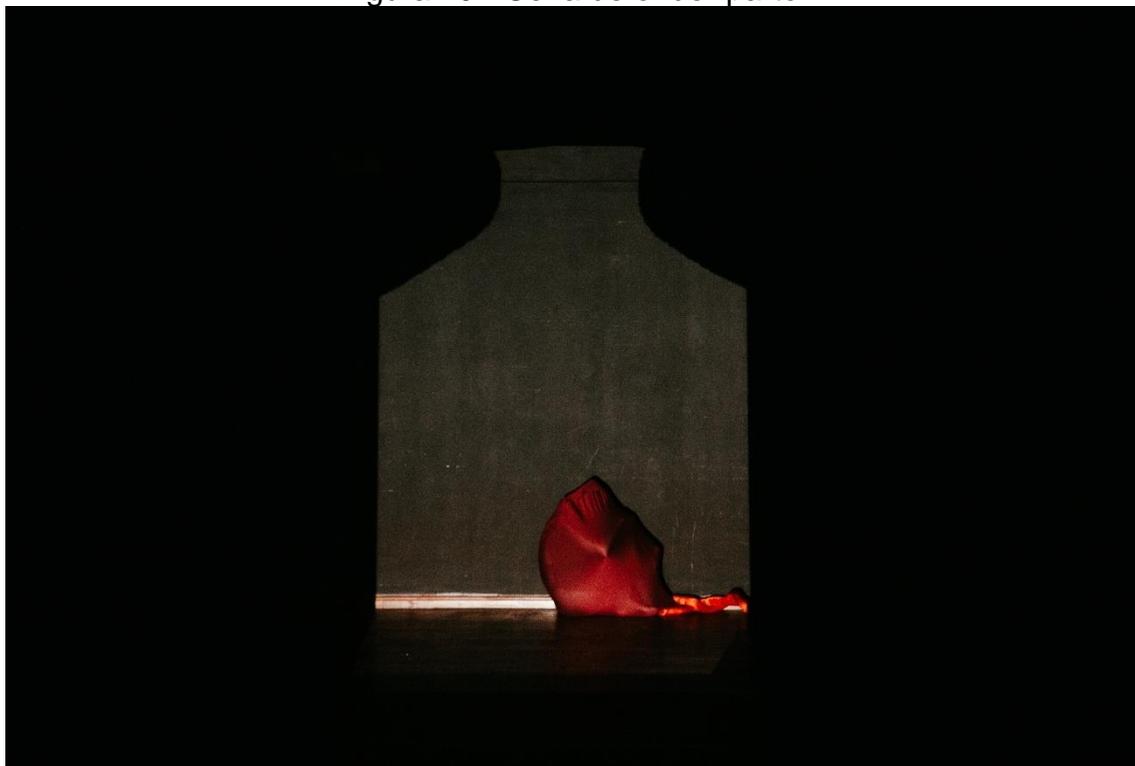
Figura 9 - Registro da cena final, quando as luzes se apagam



Fonte: Michéli de Quadros (2023)

2 É UMA MENINA

Figura 10 - Cena de onde "parto"



Fonte: Michéli de Quadros (2023)

Na época em que a tecnologia não revelava todos os detalhes antes do nascimento (Figura 10), o momento de descobrir o sexo do bebê era reservado para o dia do parto. A expectativa pairava no ar, e a revelação, muitas vezes feita pelo médico com as palavras “é uma menina”, poderia gerar uma gama variada de emoções. Em muitas culturas, infelizmente, essa declaração era recebida com desapontamento, como se a chegada de uma menina não fosse motivo de celebração. Uma tradição que, mesmo com avanços médicos e sociais, destaca a persistência de normas de gênero profundamente arraigadas.

À medida que abro as páginas do livro da minha vida, mergulho em um capítulo que destaca a voz feminina, uma narrativa que muitas vezes é silenciada. Observo, com uma mistura de reflexão e indignação, como as histórias das mulheres são frequentemente relegadas aos bastidores, enquanto o palco principal é ocupado por protagonistas masculinos.

É um lembrete doloroso de como a sociedade muitas vezes negligencia a contribuição e a importância das mulheres. Em um mundo onde o homem

frequentemente assume o papel de destaque, as vozes femininas são abafadas, suas realizações minimizadas e suas histórias escondidas.

Esta discrepância não é apenas histórica; persiste nos dias de hoje, infiltrando-se em diversos aspectos da vida cotidiana. Do cenário profissional à esfera doméstica, as mulheres muitas vezes enfrentam desafios e barreiras que dificultam o reconhecimento pleno de seu valor e potencial.

Ao explorar este capítulo, não pretendo apenas destacar as mulheres que, de alguma forma, deixaram sua marca no meu caminho. Quero amplificar a voz de todas as mulheres, reconhecendo a diversidade de suas experiências e a importância crucial que desempenham na trama da vida. Assim, busquei seguir uma jornada pela *herstory*, um termo que vai além da simples inversão da palavra “*history*”. *Herstory* é uma narrativa que resgata e valoriza as contribuições das mulheres ao longo do tempo, desafiando a narrativa tradicionalmente centrada no homem.

Ao celebrar e escrever sobre a diversidade de mulheres e suas histórias, aspiramos a um mundo em que cada página do livro da vida seja escrita com tinta vibrante e igualitária, sem deixar ninguém para trás.

2.1 HERSTORIES

Mas, além disso somos nós, professoras e pesquisadoras de teatro que ao elaborarmos projetos de pesquisa ou de extensão sobre políticas de identidade, abrimos áreas de conhecimento e iniciamos a transformação de estruturas conservadoras como as instituições de ensino. O resultado desses investimentos pessoais e institucionais vão além dos espetáculos teatrais pois proliferam-se em artigos e monografias, dissertações e teses que problematizam a prática teatral a partir da teoria crítica feminista. (MIRANDA, 2017, p.10)

Essa afirmação de Brígida Miranda (2017) destaca a importância das professoras e pesquisadoras de teatro na abertura de novos caminhos acadêmicos e artísticos, desafiando estruturas conservadoras e promovendo uma visão crítica e feminista da prática teatral. No entanto, essa perspectiva não se limita apenas ao campo teatral, mas se estende também a outras áreas, como a dança, na qual atuo como professora, dançarina, pesquisadora e aluna. Ao desenvolver este trabalho final do curso de graduação, reconheço que também passo a contribuir para o avanço do conhecimento e para possíveis transformações das instituições de ensino. Por meio desses investimentos pessoais e institucionais, criamos performances de dança,

produzimos artigos, monografias, dissertações e teses que abordam a prática da dança sob uma ótica crítica feminista, valorizando as experiências e perspectivas das mulheres.

Além disso, como ressalta Brígida Miranda, “Ao mesmo tempo percebo que a onda feminista atual nos ajuda a reunir forças para continuar transformando” (MIRANDA, 2017, p.11). Essa afirmação destaca a importância do movimento feminista como impulsionador de mudanças e fortalecimento das mulheres.

Para isso, neste subcapítulo, sou convidada a explorar *herstories*, onde encontro uma nova maneira de contar histórias que levem em consideração as experiências e contribuições das mulheres ao longo dos tempos. Em vez de aderir apenas à narrativa “tradicional”, que muitas vezes negligenciou ou minimizou o papel das mulheres, me deparo com o texto de Miranda (2017) que enfatiza a palavra *herstory*. E ela busca permitir que as vozes femininas sejam ouvidas e as histórias preservadas, reconstruindo narrativas que valorizem e deem destaque às vivências e realizações das mulheres. Essa abordagem busca corrigir as omissões e desequilíbrio presentes na história convencional, proporcionando uma visão mais completa e justa do papel das mulheres na sociedade.

A palavra “*herstory*” ganhou destaque no movimento feminista e repercutiu em mim como um convite a desafiar o domínio da história “tradicional”. Assim, trago como inspiração as reflexões de Miranda (2017) e o movimento feminista. Compreendo que *herstory* vai além do seu significado linguístico e adquire um sentido mais amplo e significativo, representando uma reinterpretação da história. Essa abordagem busca corrigir as omissões e desequilíbrios presentes na história convencional, proporcionando uma visão mais completa e justa do papel das mulheres na sociedade. Ela desafia o domínio da história tradicionalmente masculina, que muitas vezes negligenciou, silenciou ou distorceu as vozes e vivências femininas.

Segundo Miranda (2017), *herstory*, é um neologismo introduzido por Robin Morgan, escritora e ativista norte-americana, visando desafiar a suposta neutralidade da linguagem. Ela brinca com a palavra “*history*”, destacando o pronome masculino “*his*” (dele) e o separando de “*story*” (história) propondo uma nova possibilidade ao sugerir uma “história dela”, trocando *his* por *her*, adotando o termo “*(her)story*”.

Herstory se torna uma expressão de empoderamento e resgate da memória coletiva feminina. Ao deslizar a agulha pelos fios da memória das “*herstories*”, rompo com a linearidade da história oficial, entrelaço o passado e o presente, costuro

narrativas ocultas e revelo a força e resiliência das mulheres. Ao destacar a palavra, reconheço a importância e essencialidade de recontar a história sob uma nova perspectiva, acolhendo as vivências silenciadas e as trajetórias negligenciadas das mulheres. Utilizo-me da palavra como um poderoso instrumento de reconstrução das narrativas silenciadas das mulheres, o que nos permite enxergar além dos registros históricos dominantes e descobrir a riqueza de suas contribuições.

Explorar “*herstory*” é para mim uma imersão em um universo vasto e complexo, onde as vozes ancestrais ecoam e as trajetórias esquecidas ou que “passaram despercebidas” (ou mal lidas) são resgatadas. É um chamado para visitar o passado, honrar as conquistas e o legado das mulheres. É por meio dessa reconstrução de “*herstories*” que nós, mulheres, nos tornamos capazes de reafirmar a importância das mulheres nas diferentes áreas da vida. O termo me convida a tecer uma tapeçaria complexa, entrelaçando as histórias das mulheres que me antecedem. É uma oportunidade de celebrar as contribuições das matriarcas e, é claro, de tantas outras mulheres que desafiaram as limitações impostas pelo patriarcado e abriram caminhos para as gerações futuras.

Sou impulsionada, ao explorar a neologia *herstory*, a uma busca por igualdade, justiça e inclusão. É uma jornada de redescoberta, onde narrativas opressoras se rompem e se consegue uma valorização das vozes femininas. Nesse processo, reconheço a necessidade de recontar a *herStória*, para que as futuras gerações possam se inspirar nas “*herstories*” que costuraram o presente e costurarão o futuro.

Herstory, além de valorizar a diversidade de narrativas femininas, reconhece a importância das mulheres na construção da sociedade e na luta pelos direitos e igualdade de gênero. É uma palavra na qual “identifico” meu trabalho de conclusão, onde há um destaque na relevância de experiências e trajetórias individuais e coletivas das mulheres que me antecederam. Essas *herStórias* que muitas vezes foram apagadas perante aos homens que me antecederam, assim como a maioria das mulheres que também têm suas histórias excluídas nas narrativas históricas predominantes.

Quando menciono que “*herstory*” se sobressai a um mero significado linguístico, enfatizo que essa expressão vai além de uma simples palavra. Ela representa uma perspectiva transformadora que desafia as estruturas patriarcais e busca reescrever a história sob uma nova luz, mais completa e fiel à diversidade das experiências femininas.

Portanto, explorei a *herstory* para desvendar esse enfiado⁷ de significados profundos. Foi através dela que tomei coragem de escrever sobre a vida de duas mulheres que, perceptível ou não, mudaram o mundo, principalmente o meu mundo. Espero que você que esteja lendo este trabalho tenha empatia e acolha as vozes femininas, permitindo que elas reverberem e nos conduzam a um entendimento mais abrangente e empático. Ao valorizar as contribuições das mulheres, estamos enriquecendo a narrativa história com a diversidade de *herstories* que compõem nossa história compartilhada. Muitas mulheres poderão se sentir representadas, e a expressão não se limita apenas a uma simples costura de palavras “*her*” (dela) e “*story*” (história), mas carrega consigo um fio condutor de empoderamento e resgate da memória coletiva feminina.

Na Figura 11 estão elas, minhas avós, minhas inspirações.

Figura 11 - Minhas avós: Laura Loni e Santa Idalina



Fonte: Michéli de Quadros (2022)

⁷ Na costura, enfiar significa colocar várias camadas de tecido, uma sobre as outras, permitindo que sejam manipuladas todas juntas.

2.2 O OUTRO

Assim como Simone de Beauvoir (1970) inicia um de seus livros, este capítulo iniciará apontando, que mais uma vez será abordado o assunto que já em 1970 dizia ser irritante, mas que continua pertinente pelo fato de que as tolices a que ela também se refere ainda não foram esclarecidas (BEAUVOIR, 1970, p.7).

Continua Beauvoir (1970) ao dizer que as mulheres só conquistaram o que conquistaram até então, perante os homens, pois eles que concederam aquilo que foi alcançado, nada deles foi tomado, mas parece que foi feito um aval por parte deles, as mulheres, apenas receberam, por isso o título do capítulo, pelo fato da mulher ser vista como o segundo sexo, “o Outro” sexo, diferente do sexo masculino e para os homens, continua ideia de achar útil manter a mulher como dependente, nesta sociedade, o patriarcado continua vivo. O fato aqui não é julgar o que é certo ou errado, mas sim, compreender o que levou as mulheres a viverem e pensarem assim, ser mulher, não é pior que ser homem, o ruim é ter que vê-las silenciarem, serem menosprezadas.

Aline da Silva Pinto (2019) exemplifica isso ao escrever sobre o silêncio, mais precisamente sobre o fato de algumas pessoas serem caladas, e muitas vezes consentirem ou terem que consentir com isso, em contraponto, fala pela busca incessante do rompimento destes silêncios, da busca em que (na maioria dos lugares) elas se encontram, a de romper fronteiras impostas pelas sociedades, pelas tradições (PINTO, 2019, p.572).

Também no Dicionário de gênero em que Pinto escreve, encontra-se Catitu Tayassu (2019) que fala sobre a escrita feminina deixada mais ou menos no século XIX, aqui no Brasil, onde mulheres ousaram quebrar o silêncio, fazendo nascer um corpo literário (TAYASSU, 2019, p.216).

Se existe um segundo sexo, supõem-se que exista um primeiro e infelizmente, dificilmente se fala do segundo, sem citar este primeiro, que muitas vezes se relaciona com o segundo, desestabiliza ler que as mulheres devam ser submissas aos seus maridos (Ef 5, 22), por exemplo, e que por mais que esteja em um documento “antigo”, é um documento que muitas pessoas seguem até hoje, que parece recente, a Bíblia Cristã. Mais uma vez, vê-se que são poucos os lugares que não se encontra a mulher como uma pessoa que deva seguir regras, obedecer e respeitar o homem, que tenha que manter esse silêncio citado à cima, aquele certo cuidado até no lugar de fala, na

própria fala e mesmo que muito já tenha mudado, ainda se vê um poder dos homens sobre as mulheres e que muitas delas molda suas vidas à deles.

Josênia Antunes Vieira (2005), na conclusão de um de seus artigos, fala sobre a força que tem os discursos masculinos na construção identitária da mulher, encontra-se aí mais um ponto que deve ser relevado ao falar da mulher, pois continuam-se vendo dificuldades na construção desta identidade, na busca pela liberdade, onde a autora deixa claro que para isso, devem haver alterações nas práticas discursivas dos homens, ou seja, até para mudar a maneira como se vê a mulher, precisa-se de uma certa aprovação masculina (VIEIRA, 2005, p.234).

Há casamentos em que a promessa das mulheres, nos votos, é de ser submissa ao marido e é difícil abordar o assunto do segundo sexo, também sem abordar o casamento, que muitas vezes constroem-se famílias e isso tudo faz parte da construção da identidade do ser humano, não se pode dizer que o casamento duradouro é um exemplo de casamento perfeito e o papel da mulher em um casamento é normalmente o daquela que aguenta tudo, aquela que faz tudo, que se sujeita a passar por situações horríveis, para manter essa tal “promessa sagrada”. A pesquisa pode ser feita em diferentes culturas, mudar de cidade, de estado, país, mas normalmente o papel da mulher parece seguir mais ou menos o mesmo caminho, a secundária, aquela que segue e apoia o homem.

Silvana Bassi (2011) em sua dissertação para o mestrado aponta que o movimento feminista, que teve início durante os séculos XIX e XX (Estados Unidos e Reino Unido), buscava a igualdade de direitos entre homens e mulheres, a liberdade da mulher perante o direito de propriedade que o marido tinha sobre ela e lutavam contra os casamentos arranjados (BASSI, 2011, p.38).

Voltando com a ideia de Beauvoir (1970) que fala sobre o segundo sexo, cita Benda em no seu livro, onde fala sobre conseguir pensar no homem sem a mulher, mas não pensar a mulher sem o homem e tendo o exemplo de vida de muita gente, quem nasce com uma vagina é mulher e a maioria que vive em famílias com homens, veem neles a palavra final, as decisões, isso pode vir do pai, ou dos irmãos homens, que identificado com o sexo masculino, já tem sua educação e ensinamentos totalmente diferenciados e carregam mais “ênfase” nas palavras do que as irmãs, porém é ruim imaginar ter que ser forte o tempo todo.

Quando a “cultura” relevante que “constrói” o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é

tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino. (BUTLER, 2003, p.26)

Parece tão simples, parece apenas uma diferença biológica, mas tem-se uma diferença gritante entre seres vivos, quando determinado pela cultura em que se encontram. O homem pode até influenciar na educação das mulheres, nos exemplos de vida e afins, mas não determinar o que ela deveria ser.

2.3 QUEM SOMOS NÓS NO AMBIENTE EDUCACIONAL

O desenvolvimento da identidade pessoal através do treinamento da arte do movimento apresenta-se como uma necessidade para a abertura de novas áreas e de novos horizontes, preservando raízes culturais e propagando o trabalho realizado dentro dessa orientação (BRIKMAN, 2014, p.84).

No contexto escolar, a prática da dança não se limita apenas ao aprendizado de movimentos específicos, mas oferece uma via para que os alunos explorem suas identidades individuais de maneira expressiva e autêntica. A partir da exploração do corpo em movimento, os estudantes são incentivados a reconhecer e ampliar sua linguagem corporal pessoal e espontânea, ou é assim que almejamos que seja. A prática da dança não apenas desenvolve habilidades físicas, mas também promove um espaço seguro para que cada aluno explore e se reconheça através do movimento, ajudando a construir uma base sólida para sua identidade pessoal.

Segundo Lola Brikman (2014), o reconhecimento da imagem corporal nessas ações é fundamental para o processo de construção identitária. Ao participar de práticas de dança, os alunos são desafiados a compreender sua própria imagem e a expressar sua singularidade através do movimento. Ter dança na escola, dentro da arte, não apenas fortalece a confiança em si mesmos, mas também contribui para que se tornem mais seguros em suas singularidades e personalidades, aspectos essenciais para o desenvolvimento individual e coletivo dentro do ambiente educacional (BRIKMAN, 2014, p.84).

Nesse sentido, a arte do movimento na educação não se restringe apenas ao ensino de técnicas específicas, mas oferece uma oportunidade para que os estudantes se reconheçam, se expressem e se fortaleçam, enquanto indivíduos, enriquecendo, assim, o ambiente escolar e preparando-os para enfrentar os desafios e mudanças ao longo de suas vidas. Essa prática permite não apenas a descoberta

do potencial artístico de cada um, mas também a construção de uma base sólida para a compreensão e aceitação das diferenças individuais e coletivas (Figura 12).

Figura 12 - Um abraço de mulheres, de força, de um coletivo formado em salas de aulas



Fonte: Michéli de Quadros (2023)

Em concordância com essa visão, Marina Caron (2021) destaca a profundidade da relação entre o corpo e a formação da identidade individual. Essa ressalta a significância do movimento ao afirmar que:

O corpo carrega a história de cada um de nós. Pelo movimento, reconhecemos a nossa história e temos a chance de encontrar nossa identidade. O corpo, aqui, é tido como um lugar. Um lugar de troca e de relação. Por essa abordagem, pude entender que é o movimento que dá ao corpo sua forma. Nossos movimentos cavam espaços internos e formam nossa estrutura. Eles ficam registrados na forma do osso e dão, a cada um de nós, uma arquitetura. Nossas estruturas vão sendo marcadas, então, por nossa trajetória em movimento e, portanto, por uma particularidade, por um temperamento, por nossa personalidade (CARON, 2021, p.10).

Além disso, a relação profunda entre corpo e formação da identidade é destacada por Caron (2021), que enfatiza a conexão íntima entre o movimento e a história pessoal de cada indivíduo. Segundo ela:

Também é pelo movimento que adquirimos a percepção da nossa imagem. É um trabalho ativo e continuado, que modifica a imagem que temos do corpo e nos permite achar novas maneiras de usá-lo. O ponto de partida é perceber-se internamente. Habitar o corpo por dentro. Depois disso, perceber como se dão as relações, o que nos move, o que nos modifica e quais são as implicações no corpo (CARON, 2021, p.10).

Figura 13 - Uma troca gostosa e inesperada com o Samuel



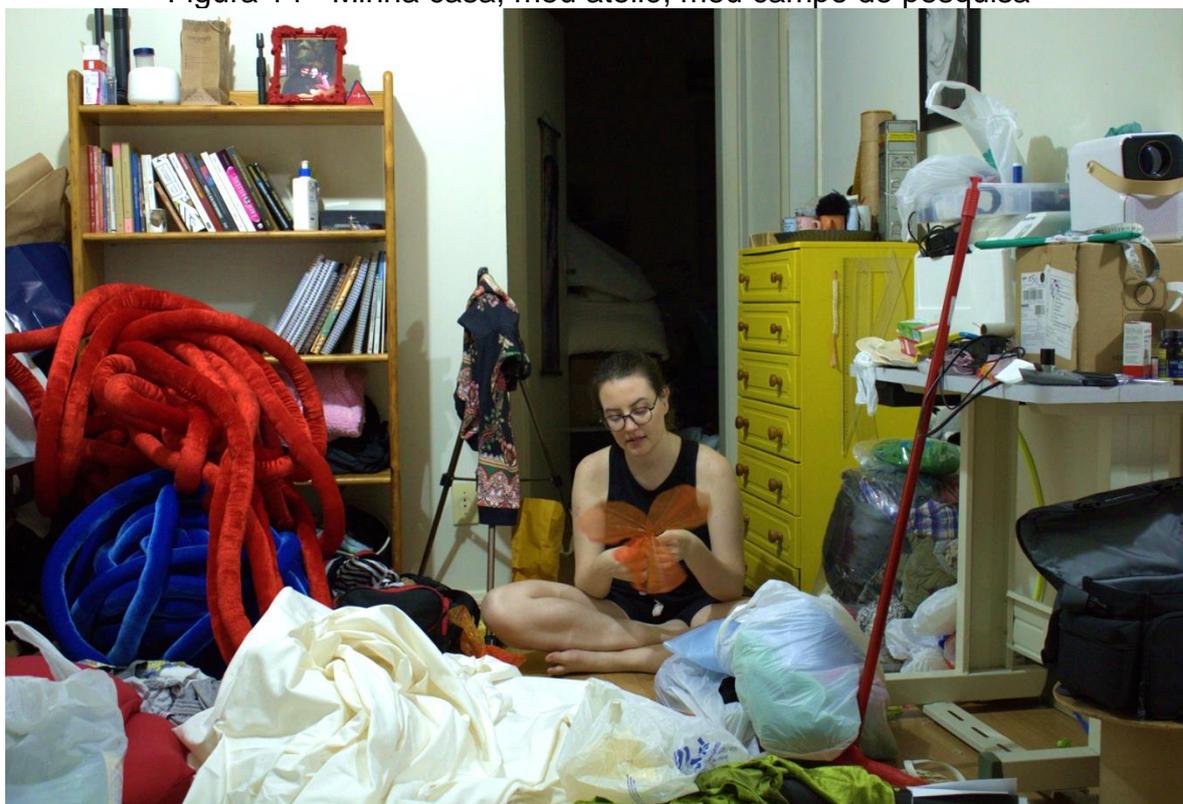
Fonte: Michéli de Quadros (2023)

Essas reflexões evidenciam a profunda interligação entre a experiência corporal e a construção da identidade individual. A compreensão da importância do movimento não apenas na percepção da própria imagem, mas também na formação das relações e das implicações no corpo, ressalta a necessidade de integrar práticas que valorizem o movimento e a expressão corporal no contexto educacional. Ao reconhecer o corpo como um lugar de troca (Figura 13), capaz de carregar não apenas movimentos, mas histórias e singularidades, abre-se espaço para a promoção de um ambiente escolar mais inclusivo e enriquecedor, que valoriza e respeita as particularidades de cada indivíduo.

3 DO ATELIÊ À CENA

Neste capítulo, desvendamos os bastidores do processo de criação (Figura 14) que deu vida a "Costurando Santas e Flores". Cada cena, cada fio cuidadosamente tramado em um ateliê, revela a jornada artística que mescla dança e teatro, inspirada pelos fundamentos do Tanztheater.

Figura 14 - Minha casa, meu ateliê, meu campo de pesquisa



Fonte: Cleni Livia de Quadros (2023)

3.1 ALINHAVANDO A ESTRUTURA

A abordagem da Prática como Pesquisa tem se destacado como fundamental no campo da dança, reconhecendo e valorizando a prática artística como uma forma legítima de investigação. Ao contrário de abordagens tradicionais baseadas principalmente em métodos científicos e teóricos, a Prática como Pesquisa coloca a própria prática artística no centro do processo de investigação, permitindo uma compreensão mais profunda e rica da dança como forma de expressão e conhecimento.

Neste subcapítulo, exploraremos o conceito e a importância da Prática como Pesquisa no campo da dança, destacando como essa abordagem difere de outras formas de pesquisa artística. Por meio dessa análise, poderemos compreender melhor como a Prática como Pesquisa se torna um veículo essencial para a investigação e o desenvolvimento artístico na dança.

Nesta próxima etapa da jornada, explorarei os caminhos da criação em dança, onde os fios do tempo se entrelaçam em uma dança inspiradora. Nesse contexto, busco a relação entre as flores e santas, elementos que tecem uma narrativa simbólica e poética, carregada de profundos significados. A dança se torna um portal para acessar a ancestralidade, permitindo que os movimentos transmitam a energia sagrada desses elementos. Em um delicado processo de prática como pesquisa, atravessarei um processo que engloba o desabrochar das flores e a inspiração das Santas. Convido vocês leitores a explorarem a beleza que surge quando os fios do tempo se entrelaçam na dança das flores e das santas. Nesse processo de criação, venho descobrindo as infinitas possibilidades de diálogo entre movimento e memória, tecendo uma coreografia que reverencia as raízes e transmite os anseios do presente. A dança se revela como um caminho de expressão, onde cada passo carrega a energia ancestral e nos conecta a uma trama maior de significados.

A abordagem da Prática como Pesquisa discutida por Melina Scialom e Ciane Fernandes (2022), ganhou destaque nas discussões sobre pesquisa artística, especialmente no campo da Performance e Estudos Cênicos. Essas autoras enfatizam a importância de uma abordagem integrativa, onde a prática artística se torna o ponto central do processo de investigação. Também destacam a aplicação de práticas somáticas, como o Sistema Laban/Bartenieff e o Movimento Autêntico, juntamente com a dança-teatro e a performance, no contexto da pesquisa (SCIALOM e FERNANDES, 2022, p.16).

Além disso, Fernandes desenvolveu a Pesquisa Somático-Performativa, uma modalidade de prática como pesquisa que explora a integração de práticas somáticas e de movimento em estúdio, com abordagens interdisciplinares, pedagógicas e de investigação. Sua proposta é gerar conhecimento corporal sobre o próprio dançarino e a manifestação cultural investigada, resultando em obras coreográficas, teses e dissertações (SCIALOM e FERNANDES, 2022, p.16).

Ao adotar a Prática como Pesquisa na criação em dança, sigo uma abordagem que reconhece e valoriza a prática artística como uma forma de investigação e

geração de conhecimento. A Prática como Pesquisa permite que eu engaje em um processo reflexivo e investigativo, em que a minha prática de dança se torna o ponto de partida para a exploração das minhas questões e investigações. Ao abordar práticas somáticas, abordagens interdisciplinares e o diálogo entre corpo, movimento e ambiente, tenho a oportunidade de desenvolver uma pesquisa criativa e original, contribuindo para a expansão e aprofundamento da compreensão da dança como forma de expressão artística e conhecimento.

A Prática como Pesquisa, conforme discutida por Sylvie Fortin e Pierre Gosselin (2014), revela-se particularmente relevante para a minha jornada de criação em dança. Esses autores enfatizam que a prática como pesquisa reconhece a prática artística como uma forma legítima de pesquisa, capaz de gerar conhecimento e contribuir para o avanço do campo da arte (FORTIN e GOSSSELIN, 2014). Ao adotar essa abordagem, valorizo a minha própria prática de dança como ponto de partida para a investigação e exploração das questões artísticas e conceituais.

Fortin e Gosselin (2014) também destacam a abordagem integrativa da prática como pesquisa, em que a prática se torna o centro do processo de investigação. Nesse sentido, a dança revela-se como um veículo para a conexão profunda entre o corpo do artista, a prática artística em si e o ambiente em que a pesquisa ocorre. Essa abordagem interdisciplinar e imersiva permite que eu estabeleça uma relação íntima com a corporeidade em diálogo com o ambiente, explorando as múltiplas camadas de significado presentes na minha dança.

Resumindo, a Prática como Pesquisa é uma abordagem que reconhece a prática artística como uma forma de investigação e geração de conhecimento. Ela oferece aos artistas da dança a possibilidade de explorar suas questões artísticas e conceituais de forma imersiva e pessoal. Essa abordagem valoriza o uso do corpo como instrumento de pesquisa, enfatizando a experiência somática, a sensação e o movimento como formas de conhecimento. Assim, a Prática como Pesquisa integra o corpo, a mente e a criatividade em um processo reflexivo e investigativo.

Ao contrário de outras formas de pesquisa artística, a Prática como Pesquisa destaca-se por sua natureza interdisciplinar e integrativa. Ela incentiva o diálogo entre diferentes áreas de conhecimento, como dança-teatro, performance, práticas somáticas e a teoria da dança. Essa abordagem colaborativa e transdisciplinar permite explorar a dança em sua complexidade e diversidade, ampliando as fronteiras do conhecimento e promovendo a inovação artística.

Além disso, a Prática como Pesquisa enfatiza a importância do contexto e da experiência pessoal na investigação artística. Ela reconhece que a prática artística está enraizada em um contexto sociocultural específico e que o corpo do artista é um receptor e transmissor de memórias e significados. Ao explorar a dança como forma de expressão e conhecimento, a prática como pesquisa nos convida a reconhecer e valorizar nossa conexão com a ancestralidade, as histórias e as tradições que moldam nossa identidade e prática artística.

Kátia Salib Deffaci (2012), pesquisadora nessa área, ressalta a importância de reconhecer a prática como uma fonte de conhecimento válida e legítima. Ela argumenta que a prática é rica em complexidade que não podem ser totalmente capturadas apenas por teorias e conceitos abstratos (DEFFACI, 2012).

3.2 FIOS DO TEMPO: A DANÇA DAS FLORES E DAS SANTAS NO PROCESSO DE CRIAÇÃO EM DANÇA

A dança como forma de expressão artística, é profundamente enraizada nas tradições culturais e nas histórias de vida de um povo.

Mostrei também, na análise da forma e do conteúdo das danças rituais, que música, dança, roupas, gestuário, comidas, enfim, todo o contexto relacionado com a vida nessa comunidade funciona como recursos para que o coreógrafo, durante seu processo criativo, componha danças relacionadas com essa cultura (SANTOS, 2021, p. 24).

Inaicyra Santos (2021) destaca que a interação entre música, dança e todo o contexto relacionado à vida de uma comunidade são recursos para que o coreógrafo possa criar obras que estejam em sintonia com essa cultura específica (SANTOS, 2021, p.23). A autora também compartilha suas experiências pessoais, como o “Recital”, onde a reação da plateia reafirmou seu desejo de ser uma artista capaz de expressar sua arte por meio da técnica e da história de vida. A partir dessas vivências, Santos (2021) desenvolveu princípios que visam inspirar a arte e a dança contemporânea brasileira, partindo da tradição como ponto de partida, mas permitindo que seja reestruturada de forma criativa e única.

Em seu trabalho, a autora se dedica a reelaborar mitos por meio das danças rituais Nagô, explorando a busca interior do dançarino como forma de expressão.

Meu objeto de investigação tem sido a tradição cultural e a criatividade, porém devidamente compreendidas como expressão da diversidade corporal dos povos que vivem no Brasil e que tem colaborado para este tecido social complexo, colorido, belo e tão mal compreendido. A homogeneidade de expressão é destruidora, sendo, por isso, indispensável compreender a pluralidade cultural brasileira (SANTOS, 2021, p.27).

É necessário valorizar e compreender a diversidade presente na sociedade, Santos (2021) desenvolveu uma proposta enriquecida pelas alunas, que contribuem com suas diversidades físicas, espirituais e intelectuais por meio de questionários, discussões, seminários, exercícios técnicos e criações cênicas.

Esses pressupostos conduziram à hipótese geral de que seria possível promover, através da dança artística e na educação, da vivência e da tradição de casa em, de forma a tornar possível ao artista e ao educando retomar sua história pessoal, suas raízes, sua autoestima, bem como a valorização de sua própria tradição ao identifica-la em sua ação no social. Além disso, a dança na educação pode promover, no educando, a abertura para a alteridade, com a valorização de tradições diferentes da sua própria. (SANTOS, 2021, p. 30-31).

O trabalho de consciência corporal, como mencionado por Caron (2021), ressalta a importância de reduzir a distância entre a consciência e o inconsciente, proporcionando maior percepção das pulsões, desejos e energia vital. Ela enfatiza que a ampliação da consciência implica a tornar perceptível o vasto material sensitivo, imagético e simbólico do inconsciente, integrando o corpo e expandindo a percepção para além dos limites determinados até então, levando em consideração as experiências que vivemos, nossas ações intencionais, e fazê-las perceptíveis como memórias, lembranças.

Ampliar a percepção é deixar o corpo integrado e mais aberto, mais permeável, mais disponível, mais vulnerável, mais livre. Sei bem, não é fácil dispor de um novo espaço interno. A ampliação da percepção nos coloca em outro lugar de reconhecimento de nós mesmos. Uma espécie de “desaparecimento”, uma abertura dos limites determinados até então. Limites e contornos pelos quais nos conhecemos e temos domínio sobre nós mesmos e nossas ações. Daí a vulnerabilidade de se reconhecer na relação, no outro, na experimentação. A coragem de “se deixar ser”, em processo constante de autoconhecimento (CARON, 2021, p.13)

Ao analisar danças rituais, Santos (2021) destaca que a interação entre música, dança e todo o contexto relacionado à vida de uma comunidade são recursos essenciais para que o coreógrafo possa criar obras que estejam em sintonia com essa cultura específica. A autora também compartilha em seu livro, suas experiências pessoais, como o “Recital” na Nigéria, onde a reação da plateia reafirmou seu desejo

de ser uma artista capaz de expressar sua arte por meio da técnica e da história de vida.

A partir dessas vivências, Santos (2021) desenvolveu princípios que visam inspirar a arte e a dança contemporânea brasileira, partindo da tradição como ponto de partida, mas permitindo que o seja reestruturada de forma criativa e única. Em seu trabalho, a autora se dedica a reelaborar mitos por meio das danças rituais Nagô, explorando a busca interior do dançarino como forma de expressão.

O objeto de investigação de Santos (2021) é a tradição cultural e a criatividade, compreendendo-as como expressões da diversidade corporal dos povos que vivem no Brasil. Ela enfatiza a importância de compreender a pluralidade cultural brasileira, pois a homogeneidade de expressão é destruidora. É necessário valorizar e compreender a diversidade presente na sociedade.

Santos (2021) desenvolveu uma proposta enriquecida pelas alunas, que contribuem com suas diversidades físicas, espirituais e intelectuais por meio de questionários, discussões, seminários, exercícios técnicos e criações cênicas. Ela destaca a importância da dança artística e da educação como meios de promover a vivência e a tradição de cada indivíduo, permitindo que o artista e o educando resgatem sua história pessoal, suas raízes e sua autoestima, além de valorizar sua própria tradição ao identificá-la em suas ações sociais, ela também estimula os alunos/dançarinos a tomarem consciência de si mesmos, valorizando sua singularidade, sensibilidade e criatividade, levando em consideração o aspecto cultural de cada um.

A dança, como expressão artística consciente do trabalho corporal com um objetivo estético, requer estudo teórico e reflexão para compreender seu sentido na Universidade. Além do aspecto estético, a dança também carrega consigo valores culturais e uma apreciação referente à conduta humana, refletindo sobre a dimensão temporal e apontando possibilidades éticas de cooperação e criação entre os seres humanos (SANTOS, 2021).

Ao longo de seu trabalho, Santos (2021) ressalta a importância da vivência da expressão corporal na dança-educação, que deve partir do aspecto intuitivo do aluno, permitindo que o corpo seja o instrumento de expressão e o veículo para reviver experiências míticas e criativas. O processo criativo na dança envolve a constante busca, investigação rigorosa e disciplina do movimento, explorando além dos espaços corriqueiros e permitindo o surgimento do novo. De acordo com Deffaci (2012, p.17):

Localizar o intérprete na totalidade dos processos de criação da cena por meio de bibliografias assemelha-se a compor uma colcha de retalhos. Apesar da prática corrente, é fato relativamente recente que os escritos teatrais e da dança focalizem o intérprete envolvido nas demais etapas de criação além da encenação. Destacam-se as bibliografias existentes dedicadas ao estudo do processo de criação de um artista ou grupo específico que, no seu caso, abordam o intérprete. Os artistas (diretores, encenadores, coreógrafos, enfim criadores) progressivamente vem rompendo a reticência em expor sem receios o seu fazer.

Essa perspectiva ampliada do papel do intérprete nas obras artísticas evidencia a importância de explorar o processo de criação de forma abrangente e valorizar as contribuições do intérprete ao longo desse percurso.

Na educação, Santos (2021) enfatiza a importância do crescimento individual em todas as capacidades e necessidades, permitindo ao indivíduo imaginar, criar e executar. A integração do ser possibilita o desenvolvimento da personalidade do educando por meio de experiências conscientes, abrangendo o aspecto emocional, intelectual, físico e espiritual. A dança na educação também proporciona o estudo do corpo como instrumento de comunicação, a consciência da história individual, do pensamento próprio e da técnica de dança. Além disso, a dança tem o poder de reforçar a importância do corpo como símbolo do poder e revigorar um conjunto de valores e crenças na sociedade.

A sensibilidade, a imaginação criadora, a memória e um corpo afinado são elementos importantes no processo criativo da dança. A dança é vista como uma expressão artística consciente, resultado de experiências empíricas, intelectuais, emocionais e espirituais que se manifesta de forma vital e dinâmica nas atividades corporais. A reflexão sobre o corpo como instrumento de expressão revela significados e funções que se definem por regiões e partes específicas. O torso é o centro expressivo da dança, enquanto os braços, pernas, articulações e cabeça desempenham papéis distintos na construção dos gestos e movimento. A intenção do movimento varia de acordo com os sentimentos interiores, como alegria, valentia, brincadeira e desafio (SANTOS, 2021, p.85).

Em seu processo criativo, Santos (2021) ressalta a importância de ir além dos espaços corriqueiros, permitindo o surgimento do novo. Ela enfatiza a necessidade de buscar informações e se conhecer profundamente para explorar plenamente a atividade criativa, sua experiência pessoal estabeleceu a origem de uma hipótese de

criação e expressão artística no cenário da dança-educação brasileira, baseada em uma consciência corporal aprofundada e na compreensão de sua própria história.

Em seu trabalho, Santos (2021) destaca a importância do corpo como instrumento de expressão, capaz de transmitir sensibilidade, memória, imaginação criadora e história pessoal.

Ao explorar a dança das flores e das santas, baseada nas palavras de Santos (2021), penso nela como um fio que conecta o tempo, permeando a ancestralidade e as experiências individuais, esses fios do tempo, entrelaçados na dança, proporcionam uma compreensão mais profunda da expressão corporal e da capacidade criativa do ser humano.

Portanto, assim como a autora, estou procurando valorizar a dança como forma de expressão artísticas que une passado, presente e futuro, carregando consigo as histórias e vivências de um povo, para mim, também de memórias e histórias (SANTOS, 2021).

3.3 TANZTHEATER: UMA FUSÃO DE DANÇA E TEATRO

Através de Sayonara Pereira (2010), apresento uma breve história do *Tanztheater* (PEREIRA, 2010, p.27). *Tanztheater* é um termo cunhado por Kurt Jooss em 1935, desvela uma jornada única entre a dança e o teatro. Jooss buscava uma linguagem que abraçasse todas as artes, sintetizando o clássico ballet com a capacidade expressiva do drama. Pós-Segunda Guerra Mundial, esse estilo ressurgiu na Alemanha, liderado por Gerhard Bohner e, principalmente, pela icônica Pina Bausch.

O *Tanztheater* não busca substituir, mas libertar a dança, desafiando normas e explorando o que move as pessoas, não apenas como se movem. Pina Bausch, em sua Companhia em Wuppertal, redefiniu a essência da expressão artística, incorporando elementos teatrais, como a palavra falada.

Essa forma única de performance evoluiu ao longo das décadas, inicialmente uma estética vanguardista, tornando-se uma expressão contemporânea e influente, não só na Alemanha, mas transcendentemente pelo mundo. O *Tanztheater* representa a liberdade na dança, uma viagem além das fronteiras tradicionais, onde cada movimento conta uma história e desafia as expectativas, revelando a riqueza da expressão artística (PEREIRA, 2010, p.97).

Segundo Pereira (2010) ao se tratar de suas características, O *Tanztheater* revela uma rica diversidade de abordagens, refletindo as personalidades e vivências únicas de seus protagonistas. Descendendo das inter-relações da Dança de Expressão alemã, da influência de Kurt Jooss, e absorvendo elementos da dança moderna americana, o *Tanztheater* se manifesta em variadas formas estéticas.

Cada coreógrafo imprime sua marca, desde produções minimalistas com foco no intérprete, música e iluminação, até espetáculos grandiosos com cenários naturais e elementos imponentes. No entanto, há regras comuns, como a evitação dos elementos do *Ballet* Clássico em sua forma original.

A interseção entre o *Tanztheater* e o *Ballet* Clássico oferece uma vasta área para explorar fenômenos interessantes na Dança Contemporânea. Esse estilo, com raízes no Teatro de Revista, utiliza colagens, efeitos técnicos, associações, e escolhas musicais variadas para criar performances ricas e dinâmicas.

Ao longo do tempo, o *Tanztheater* incorporou a palavra falada e cantada, expandindo suas possibilidades expressivas. A música, escolhida de forma livre e individual, abrange gêneros diversos, desde jazz até silêncio. A Tese de Doutorado de Pereira (2010) explora alguns protagonistas do Moderno *Tanztheater*, destacando Kurt Jooss, Dore Hoyer, Pina Bausch e Susanne Linke, traçando suas histórias, desenvolvimento artístico e influência até os dias atuais.

Em ES-BOÇO, a escolha de trilhar o caminho da dança-teatro é respaldada por alguns princípios inspirados no *Tanztheater*, conforme delineado por Pereira (2010). Aqui, a filosofia do *Tanztheater* não apenas transcende as técnicas tradicionais, mas também possibilita que os intérpretes entrelacem suas biografias e experiências pessoais na trama dançada. A performance não é apenas uma expressão coreográfica; é um diálogo entre a visão do coreógrafo e as contribuições individuais dos intérpretes.

A narrativa de ES-BOÇO, escolhida por Pereira (2010) não se restringe à destreza técnica; incorpora temas sociais, desmembrando o cotidiano em cenas coreografadas. Seu processo de criação reflete os conflitos da alma humana, as reações corporais imediatas dos intérpretes e uma abertura para o diálogo constante entre a visão coreográfica e as contribuições individuais.

Ao contextualizar ES-BOÇO no universo do *Tanztheater*, a performance não apenas celebra a riqueza do contemporâneo, mas também se conecta aos legados dos quatro protagonistas centrais de sua pesquisa. Esta escolha artística, embasada

na profundidade de possibilidades oferecidas pelo *TanzTheater*, ressoa com as palavras de Pereira (2010).

3.4 SEGUINDO OS PASSOS DE SAYONARA

A escolha de adotar o *Tanztheater* como princípios de inspiração para a criação de “Costurando Santas e Flores” surge da aspiração de transcender os limites convencionais da dança. Inspirado pelas ideias exploradas no ES-BOÇO de Sayonara Pereira, este trabalho busca costurar narrativas através da dança-teatro.

Ao seguir os princípios do *Tanztheater*, a obra se torna uma tapeçaria de movimentos que vai além da mera coreografia. A fusão de elementos do teatro proporciona uma riqueza narrativa, permitindo que as histórias de “Santas e Flores” se desdobrem não apenas nos movimentos, mas também nas expressões, gestos e palavras.

Assim como Pereira (2010) destacou a importância de incorporar elementos autobiográficos e sociais no processo criativo, “Costurando Santas e Flores” busca trazer à tona a singularidade de experiências individuais, de ancestralidade e de temas sociais por meio da dança-teatro. Em última análise, essa escolha representa uma busca pela autenticidade, onde as linhas do *Tanztheater* se entrelaçam na construção dessa narrativa coreográfica.

Seguindo os passos então, de Sayonara Pereira, sigo o texto compartilhando o processo na criação da obra artística.

3.4.1 Processo de criação de “Costurando Santas e Flores”

A criação da obra artística “Costurando Santas e Flores” teve sua origem no final do ano de 2022 quando minhas duas avós faleceram. Mudei completamente o rumo da minha pesquisa, passando a criar um trabalho no qual, também falaria de mulheres, mas mais especificamente da minha ancestralidade, das minhas avós, é uma maneira que encontrei para homenageá-las, me conectar a elas e fez parte do meu processo de luto. Inspirada então na costura, que foi um elemento que eu encontrei e que aprendi um pouco com cada uma delas, minha pesquisa começou a funcionar. Assim como Pereira (2010) em seu espetáculo ES-BOÇO, o meu processo criativo se alinhou a alguns princípios do *Tanztheater*, onde valorizou minha liberdade

expressiva e consegui incorporar então elementos autobiográficos e sociais. Durante o período de criação, explorei diferentes caminhos, figurinos e trabalhei bastante a espera, que foi o que tive que fazer quando cuidei delas no hospital, de quando acompanhei alguns momentos de seus últimos dias de vida e da minha própria espera quando eu me vi ali, na cama de um hospital (no lugar delas). A minha pesquisa tomou o caminho da prática como pesquisa e foi influenciada pelo *Tanztheater*, dois processos que serviram de base para a elaboração da dramaturgia e da linguagem cênica que caracterizaram minha apresentação.

3.4.2 Processo de montagem

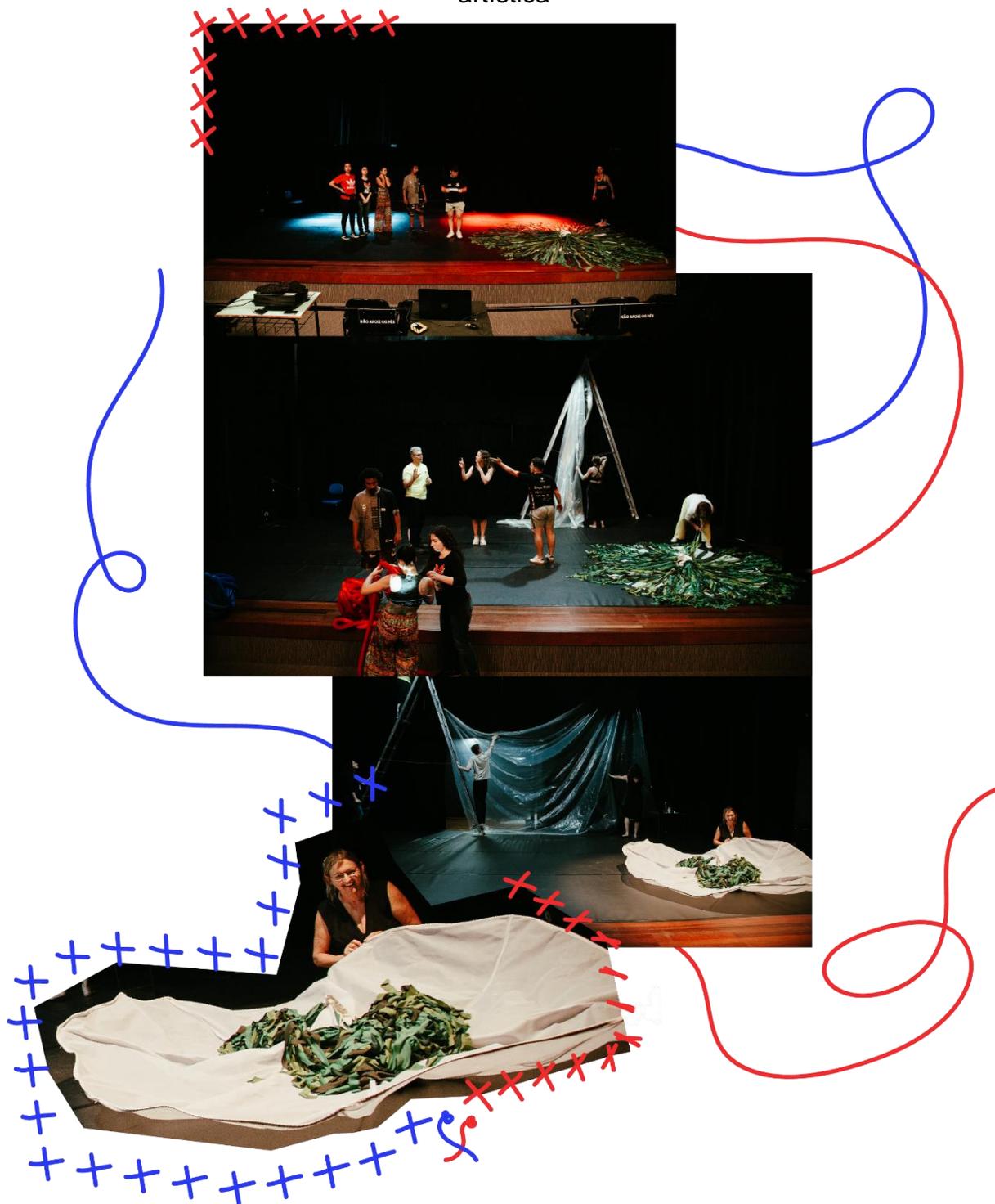
A obra “Costurando Santas e Flores” encontra suas raízes na vida e na memória afetiva, tendo como principais fontes de inspiração as histórias e vivências com minhas queridas avós. A experiência da costura, uma prática que aprendi com cada uma delas, tornou-se o fio condutor da minha pesquisa artística.

Essa escolha não apenas homenageia essas mulheres marcantes na minha vida, mas também foi uma maneira de explorar a ancestralidade, a feminilidade e a arte da costura como metáforas e caminhos entrelaçados na trama da dança. Essa conexão íntima com a costura, assim como os princípios do *Tanztheater*, permeou meu processo criativo, permitindo que elementos autobiográficos e sociais se entrelançassem, resultando na expressão única que caracteriza “Costurando Santas e Flores”.

Na

Figura 15 há uma colagem de pessoas que me ajudaram no processo de “montagem” cênica.

Figura 15 - Imagens da produção, do coletivo que me ajudou, antes da apresentação artística



Fonte: Michéli de Quadros (2023)

3.4.3 Vozes, músicas e sons

Em “Costurando Santas e Flores”, a voz, a música e os sons tornam-se fios condutores essenciais. Inspirado pelo desenvolvimento do *Tanztheater* nas décadas de 80, reconheço a voz como uma ferramenta expressiva poderosa (PEREIRA, 2010, p.110). Neste contexto, as frases marcantes das minhas avós serviram como elementos distintos de um diálogo cênico, onde metade de mim representou uma avó, e a outra metade, outra, usando as cores para destacar essa “troca” de personagem.

Ao evocar bordões como “Minha comida ficou ruim”, “Lídio, olha essa flor”, “Ah, coloca um punhado disso, um punhado daquilo e está pronto”, “Preciso levar uma mudinha dessas pra casa”, “Mas é um cavalo vestido mesmo”, “Vou mandar fazer três vestidos”, não estou apenas compartilhando memórias afetivas, mas estou costurando uma narrativa. A voz, assim como no *Tanztheater*, atua como uma linha que não apenas anuncia eventos vindouros, mas também costura os acontecimentos em um fluxo contínuo.

Na trilha sonora, Thales Kisner Nogueira ⁸se torna um colaborador fundamental, não apenas tocando ao vivo, mas agregando cada nota com significado (Figura 16). Sua gaita não é apenas um acompanhamento musical; é uma extensão da minha avó materna que amava cantar alto, tocou não apenas músicas, mas executou efeitos sonoros lindamente. A escolha da música “Costura da Vida” de Sérgio Pererê, acompanhada pelo som da gaita, transforma a apresentação em uma sinfonia de recordações, onde a voz, a música e os movimentos se entrelaçam.

Na interação com a projeção, decidi criar uma colagem de efeitos sonoros, desde máquinas de costura, sons de sacolas plásticas, até batidas de coração, o que amplificou e acompanhou a experiência audiovisual. O crochê, acompanhado pelo instrumental de Thales, revela um diálogo entre o tato e o som, uma dança de mãos e música que ultrapassa a mera execução “técnica”.

⁸ Thales é um aluno de licenciatura em música na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, seu foco é no acordeão (instrumento) e meu convite à ele, além de conhecer um pouco de sua trajetória na música e ouvi-lo tocar, foi por conseguir captar minhas ideias, a essência do meu processo e me “ler” como só ele consegue.

Além disso, introduzi uma composição original que o Thales compusera, que não é só significativa para ele, mas também se tornou significativa para mim. Essa pesquisa também refletiu a diversidade sonora que permeia a performance.

Assumindo meu lugar de fala, procurei não apenas compartilhar minha arte, mas criar um diálogo com o público, levantando tema coo enxerto e o espaço que minhas avós ocupavam, seus lares. Em cada palavra, movimento e acorde, “Costurando Santas e Flores” transcende a performance; torna-se uma celebração viva e vibrante das vozes, músicas e sons que moldaram minhas memórias e minha identidade artística.

Figura 16 - Thales e eu



Fonte: Esquerda (desconhecida), direita: Michéli de Quadros (2023)

3.4.4 Objetos cênicos

Em “Costurando Santas e Flores”, a utilização de objetos cênicos é uma prática que transcende a mera adição de adereços. Inspirado pelo conceito de “Objeto Cênico”, definido como acessórios de indumentária ou elementos decorativos de cenários, a performance mergulha na riqueza simbólica de itens cuidadosamente criados e escolhidos (PEREIRA, 2010, p.118).

Na peça, diversos objetos desempenham papéis fundamentais na construção do espetáculo, assim como observado em “ES-BOÇO” por Pereira (2010). Esses objetos não são simples adereços; são extensões do corpo dos intérpretes, elementos que catalisam interpretações e constroem narrativas visuais. Os fios, inicialmente discretamente colocados sob os corpos dos intérpretes, ecoam o conceito de cordão umbilical e rede, conectando todos os participantes da performance em uma metáfora encantadora.

Assim como Pereira (2010) explorou a cadeira em seu trabalho, imbuída de significados que transcende seu propósito funcional, tornando-se um veículo para a expressão física e emocional, (um exemplo é quando a atriz Mariane Magno a utiliza em seu solo, empurrando-a linearmente pelo palco com o peso do corpo preso – descrito no livro), cada objeto que levei ao palco foi criado por mim, fazendo com que eu levasse além de um objeto, algo que eu já criei dançando, fazendo diversos outros objetos dançarem e o mais importante, criados através dos ensinamentos de minhas avós.

Nada do que levei comigo ao palco foi para ser apenas como algo estético, tudo o que estava ali comigo, carrega uma simbólica significativa (Figura 17), mas naquele momento, estava ali, para que cada um fizessem uma associação livre, para que cada um que estava ali me assistindo, lê-se de uma maneira única.

Assim, “Costurando Santas e Flores” supera a mera presença de objetos cênicos, transformando-os em veículos de significado e expressão, conectando-se ao público em níveis profundos e variados.

Figura 17 - Confeção de figurinos e cenários



Fonte: Autora (2023)

3.4.5 Figurino

Pereira (2010) fala que o figurino é descrito como o traje usado pelos atores para dar vida aos seus personagens, de acordo com sua natureza e que geralmente identifica a época e o local da ação. Assim como na vida real, no teatro, as roupas têm a função de reproduzir várias normas de diferentes culturas. Ao identificar o seu uso, dependendo da peça, é possível determinar o sexo, a idade, a classe social, a profissão, a nacionalidade ou a religião do personagem. Além disso o figurino é um símbolo que pode vir a representar a atmosfera, a época histórica, a região, a estação do ano, a hora do dia, entre outras situações. Igualmente o figurino associa, identifica e equipara outros sistemas culturais (PEREIRA, 2010, p.121).

A escolha do figurino se deu muito pelo estudo das cores que realizei não só durante a graduação em dança, mas também na graduação em design. Todos os figurinos foram feitos por mim, com exceção ao coração bordado da cena final, que foi criado com crochê pela Manu (amiga que também é formada em Dança, mas pela UFRGS), o qual apenas customizei com pedrarias azuis e vermelhas.

3.4.6 Iluminação

A iluminação, diferente de outros elementos presentes no teatro, é um conceito relativamente moderno, sendo introduzido nos espetáculos teatrais apenas no século XVII, impulsionado pela descoberta da eletricidade. Sua função primordial reside na delimitação do espaço cênico, onde um feixe de luz direcionado a um ponto específico do palco indica o local onde a ação se desenrolará naquele momento. Além de demarcar o espaço, a iluminação estabelece relações entre o intérprete-bailarino, os objetos e os personagens em cena.

A luz enquanto elemento luminoso, desempenha o papel de modelar o rosto e o corpo do intérprete-bailarino, bem como espaços específicos na cena. A escolha das cores difundidas pela iluminação também proporciona uma camada simbólica adicional à performance (PEREIRA, 2010, p.122).

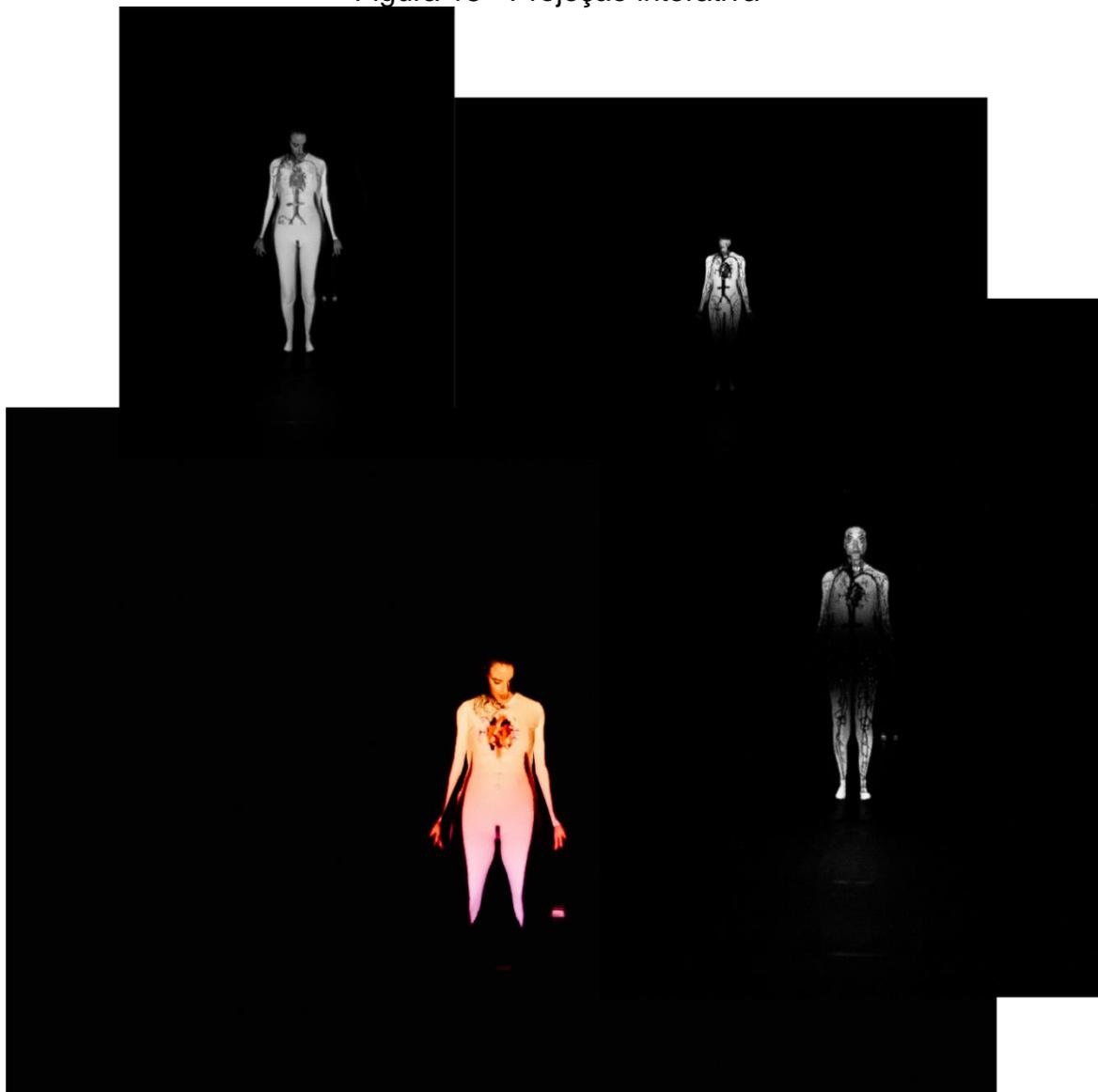
3.4.7 Projeção

Além de contar com a iluminação, contei também com projeção; uma delas ao início da peça, onde eu fiz uma interação com a mesma (Figura 18) e outra na metade da peça, que era para ter sido projetada em uma lona transparente, mas por conta de segurança, achei melhor desistir dela (que ficou muito próxima aos contras, que poderia esquentar e derreter ou atear fogo na lona), esta segunda projeção também contava com um arquivo que eu programei, que em outro momento, estaria interagindo com meus movimentos também (quando tocou Halo).

A programação eu fiz com C++, no software “Visual Studio”, nela haviam partículas que o público poderia modificar, tornando pequenos círculos ou caminhos, estes poderiam, também através da escolha do público, deixar rastros ou apenas se movimentar, metade das partículas eram vermelhas e metade azuis, assim como separei na iluminação e em detalhes da peça, tudo poderia ser modificado através de uma barrinha, com mouse, a minha ideia era mais um momento de fala com a plateia, deixando o mouse disponível para quem quisesse “participar”. Já na projeção, com o kinect (espécie de webcam do videogame xbox, que capta o movimento do corpo com mais precisão) apontado para mim, os lugares em que eu me movimentasse, estaria modificando a imagem na projeção, seria uma interação onde eu modificaria a

projeção em tempo real e não que eu tivesse que fazer uma movimentação decorada para interagir com ela, como no início da apresentação.

Figura 18 - Projeção interativa



Fonte: Michéli de Quadros (2023)

Outro momento houve também a projeção com vídeos das minhas avós, separando cenas de uma avó de cada lado, mas como movimentamos as cortinas no início e não ajeitamos mais depois, infelizmente as imagens ficaram cortadas, mas deixarei aqui o link do vídeo que passaria também na lona transparente, acompanhada (ao vivo) com a música que o Thales compôs.

3.4.8 Cores

No contexto de "Costurando Santas e Flores", as cores desempenham um papel vital na construção simbólica, representando vínculos emocionais e identidades pessoais (Figura 19). Cada matiz cuidadosamente escolhido é mais do que uma simples escolha estética; é uma expressão visual que ultrapassa a superfície e mergulha nas profundezas das relações familiares e individuais.

Ao explorar as cores que representam minha mãe e minhas avós, busquei não apenas tons visuais, mas sim paletas que evocam memórias afetivas e características distintas de cada uma. A utilização de determinadas cores para retratar a presença materna, por exemplo, não se limita à estética, mas é uma tentativa de capturar a essência única dessa figura central em minha vida.

Figura 19 – Otto - Um de meus maiores vínculos na vida



Fonte: Michéli de Quadros (2023)

A representação da mãe através das cores pode ser interpretada como uma expressão visual do amor, da sabedoria e do papel fundamental desempenhado nessa relação especial. Cada tonalidade escolhida para esse elemento específico

carrega consigo uma carga simbólica, refletindo não apenas a aparência visual, mas também a carga emocional que essa figura materna carrega.

Ao trazer as cores para representar a mim mesmo, minha intenção foi criar uma linguagem visual que transcende a simples identificação. Cada tonalidade é uma expressão autêntica e subjetiva, representando não apenas quem sou, mas também como me relaciono com o mundo ao meu redor.

Dessa forma, as cores em "Costurando Santos e Flores" não são apenas escolhas estéticas, mas sim elementos simbólicos que enriquecem a narrativa, conectando-se intimamente com as emoções, relações e identidades que compõem essa expressiva peça.

Santos (2014) escreve que o vermelho é uma cor quente, viva e atuante, na cor vermelha para ela, já há movimento por si só, é dinâmica e age como se corresse, avançando em direção ao espectador. O vermelho foi uma escolha para a minha avó materna também, pois ela era uma pessoa que, assim como essa cor, era dominante, o vermelho também tem associação com fogo, com sangue, coração, ferida, mulher, afetivamente se associa com vida, energia, paixão, força, coragem, intensidade, glória e eu via muito disso tudo em minha avó materna.

Já a escolha do azul, como também Santos (2014) cita, possui pouca luminosidade, aquela cor que parece recuar diante de nós, causa uma impressão de suavidade, de distância, inacessibilidade, também simboliza a lealdade, a fidelidade, o sonho, o ideal. Relacionada ao céu, representa fé, virtude e confiança. Trouxe essa cor para a avó paterna por diversos motivos, mas o principal é a fé e religiosidade dela.

Por mais que as duas teriam representações nas duas cores, achei interessante escolher uma cor para cada uma, para dar ênfase a elas, principalmente para diferenciá-las durante a cena, fazendo com que as pessoas que assistiam, conseguissem compreender sobre quem eu estava falando.

3.5 CENA A CENA

Ao longo desta seção, apresentarei através de uma escrita íntima e reflexiva, explorando cena por cena do espetáculo "Costurando Santos e Flores". Cada momento é uma costura delicada de experiência pessoais, simbolismos profundos e expressões artísticas que se entrelaçam para criar uma narrativa única. Prepare-se

para adentrar nos bastidores de cada cena, onde as cores, os movimentos e os objetos cênicos são mais do que simples elementos visuais, são fragmentos de memórias, homenagens e reflexões sobre a vida, a perda e a conexão.

Vamos desvendar os fios dessa performance, revelando o significado por trás de cada instante costurado no tecido da dança e da experiência humana. Na Figura 20 há alguns registros, recortes, colagens/costura que fiz durante um dos processos de criação, onde corpo, tecido, linha, espaço eram todos um mesmo lugar, um lugar único.

Figura 20 - Imagens feitas durante um dos processos de criação



3.5.1 Um minuto de silêncio

A primeira cena começou através da interação com a projeção, onde me coloquei dentro de um “coração” que costurei com um tecido bordô, com elastano, e na parede iniciava com um pedido de “Um minuto de silêncio” em respeito às mulheres que já partiram, que mudaram minha vida, ou daquelas que mudaram o mundo ou estiveram nesse mundo e já se despediram. Após isso, marcado pela música, inicia um som de máquina de costura, o que me mostrava o momento em que eu poderia começar a “ser as batidas do coração”.

Nasci dali, com três voltas do “cordão” no pescoço, cordão esse com a cor vermelha já para simbolizar a ligação materna (vermelho, cor que escolhi para o “lado materno”). Essas voltas do cordão foi o que complicaram o meu nascimento, o que achei necessário levar para a cena, que mostra quem eu sou e que não representa só a mim, mas diversas mulheres que tiveram dificuldade na hora do parto e muitas até que não conseguiram salvar a vida de seus filhos que nasceram assim, com as voltas do cordão no pescoço.

Levanto dali e me coloco no corpo que criei pelo software After Effects, que fiz o caminho das veias/artérias surgindo no corpo através do coração, o que fazia com que a cor branca, além de, através das palavras de Santos (2014) representar pureza, paz, luz, leveza, serenidade, claridade, batismo, seria importante para receber essa interação com a projeção.

3.5.2 Uma avó de cada lado

Na cena dois, eu pego um vestido de cada avó, da paterna, um vestido que eu costurei para ela, que ela não tirava mais do corpo, ela sentia muito calor e sempre dizia que não encontrava vestido com o tecido geladinho, então, além de ter sido uma costura que fiz para ela, ela não o tirava mais e lembro muito dela, com ele. Da avó materna, peguei um de seus vestidos, de um dos anos que ela foi rainha do grupo de idosos que ela participava, um vestido que me traz lembranças dos momentos em que ela se sentia linda e eu amo lembrar dela assim.

Vesti metade de cada vestido e esta cena foi a que utilizei frases que elas falavam ao caminhar para “o seu lado”, ou seja, ao caminhar em direção à luz azul, eu relembra a avó paterna, que caminhava com mais lentidão, com uma corcunda,

passos mais arrastados e para o outro lado a materna, que tinha uma corcunda mais aparente, mas que se movimentava com vitalidade, muitas vezes, parecia flutuar, caminhava com mais pressa.

Esta cena não teve acompanhamento de música, apenas um fala com a plateia sobre o curso de dança, sobre a interrogação de quem eu sou e do que eu estava fazendo ali, fora as frases e movimentos sobre as avós. Utilizei nesta cena os contras (luz vermelha e azul), uma luz central não com tanta intensidade e luz intensa na plateia quando eu conversava com eles.

3.5.3 Veias e costura

Nesta cena eu realizei uma improvisação com fios “gigantes” que costurei utilizando tecido de veludo (Figura 21), a ideia era me enrolar neles e fazer com que eles se misturassem (o vermelho e o azul). Cantei a música Costura da Vida de Sérgio Pererê, que parece ter sido uma música, das quais encontrei nas pesquisas de sons e afins, feita para aquele momento, feita para mim (mas sim, aí está a parte que falo da gente se identificar com os outros).

Figura 21 - Cena de improvisação com os fios giggantes



Fonte: Michéli de Quadros (2023)

3.5.4 Emendando as lembranças

Logo após acabar a cena anterior, me encaminho para o canto esquerdo do palco, frente, onde há um foco de luz, também com pouca intensidade, e uma projeção que deveria ter sido feita na lona transparente, mas que acabou se misturando entre paredes, cortinas, coluna, etc (Figura 22).

Figura 22 - Os fios que me moveram



Fonte: Michéli de Quadros (2023)

Ali permaneço até os vídeos acabarem, e o Thales acompanha o momento com a música de sua autoria “Minh’alma sob o luar”, música que desde a primeira vez que o vi tocando, já me remeteu a lembranças e foi outra que sinto que parece ter sido feita para aquele momento.

3.5.5 Espera

A ideia inicial aqui era dançar a espera, dos dias que pareciam mais longos, em que eu já não sabia mais quando tempo havia ficado no hospital, muitas vezes nem sabia se era dia ou noite, se chovia ou fazia sol.

A cena surgiu através de repetições de movimentos que eu executava com bastante frequência quando estive internada ou quando estive acompanhando minhas avós. A repetição segue até eu me sentar e fazer a posição fetal, que além da orientadora dizer que parecia que tudo que eu fazia, eu sempre parava nela, parece ser uma posição onde me sinto segura.

Figura 23 - Auréola



Fonte: Michéli de Quadros (2023)

Entre a mistura de movimentos que fiz no hospital e o movimento que me levava “ao céu”, foi uma cena que eu sofri muito para fazer, pois as lembranças me levavam para um lugar, muitas vezes tristes e dolorosos e eu tinha que ficar pausando (Figura 23).

Esta cena me remeteu mais a avó paterna, que acompanhei com orações e fé enquanto estive ao seu lado, seria a cena mais próxima à santa, que era o nome da minha avó.

Nesta cena utilizei um livro que era de minha avó, para dar um ponto de partida, da tradução da música Halo da Beyoncé, que o nome já é significativo demais (auréola), de experimentos e repetições.

3.5.6 Flores

Na cena das flores eu buscava objetos cênicos, que criei pensando na avó materna, e no enxerto que foi o que ela e meu avô aprenderam juntos assistindo um canal no youtube de “Faça você mesmo”, eu não poderia deixar de seguir esses passos e de, eu mesma fazer.

Com organzas e tubos pex, criei flores gigantes e tentei falar brevemente do que era o enxerto, que gosto de usar como metáfora no meu trabalho, onde de um caminho, podem surgir diferentes momentos, pessoas, situações, tudo pode ser misturado, a miscigenação das coisas, tentei levar para essa breve cena, que também era um caminho do “sair das cores vermelhas e azuis” e fazer a transição para o verde e para as cenas finais.

As flores também me remetem ao tempo, elas nascem, crescem, morrem, muitas passam por transformações, muitas secam, etc; e eu sou apaixonada em usar metáforas nas coisas, em pensar em como tudo é interligado.

3.5.7 Asas

Muito se fala em asas quando o assunto são anjos, em asas, quando o assunto é a liberdade de um passarinho, em asas quando nos referíamos às escápulas durante as nossas aulas da graduação e quando queríamos explicar de uma maneira mais bonitinha sobre as escápulas nas aulas que a gente dava para as crianças.

Independente de qual asas eram, elas eram asas que eu gostaria que me levassem até minhas avós (Figura 24), pensando nelas não só como anjos, mas como se estivessem tendo talvez, a maior liberdade da vida delas (isso tem relação com qual religião seguimos ou no que acreditamos sobre a morte).

Esta foi uma das cenas que eu mais “ensaiei”, que eu executava sempre antes de iniciar qualquer pesquisa de campo, era um movimento que me conectava e eu também não consegui deixar de leva-lo ao palco.

Figura 24 - Asas-escápulas



Fonte: Michéli de Quadros (2023)

A “asa esquerda”, com movimentos mais rígidos, era como eu via a minha avó paterna depois do AVC que ela teve durante a pandemia, onde eu via a dificuldade de executar cada movimento, ela teve que reaprender a movimentar o lado esquerdo do seu corpo. Metáfora aqui sobre as dificuldades em movimentações e também sobre todas as dificuldades que encontramos pelos caminhos, em conseguir nossa liberdade, principalmente quando nos referimos às mulheres.

A música que acompanhou a cena era inspirada na música que o Coringa, no filme de 2019 (Bathroom Dance de Hildur Gudnadóttir), dança no banheiro. A música me remete a pausa, a memória, a recordações, me colocava ali, em um estado para conseguir levar todo o processo executado até ali, para a cena final.

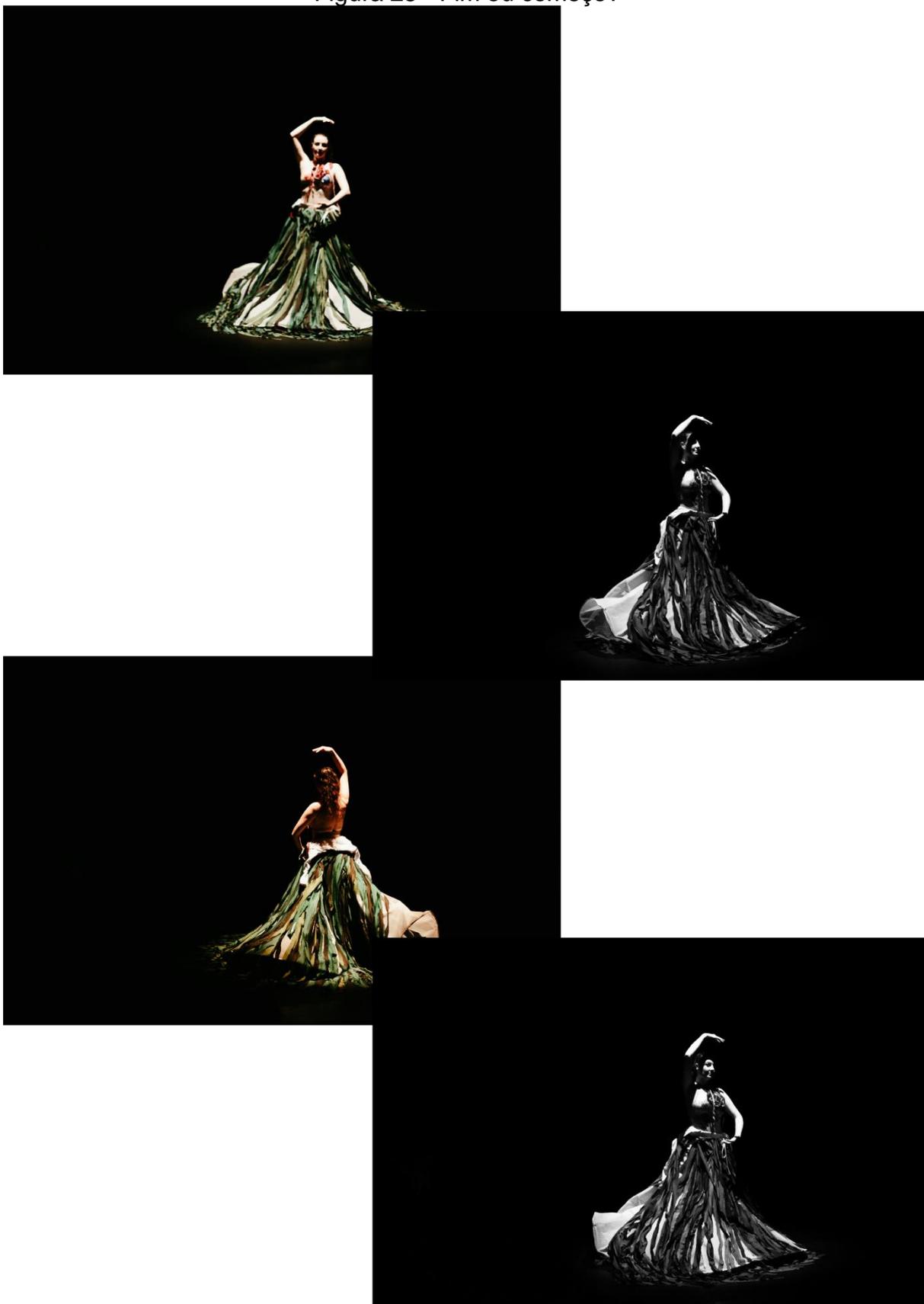
3.5.8 Caixa de música

Finalizei tudo com a cena da caixa de bailarina, onde fiz o teto do quiosque de meus avós maternos (que foi um sonho que minha avó conseguiu realizar em vida), que estava presente nos vídeos das projeções da cena “Emendando as lembranças” e que eu não consigo não lembrar de minha mãe fazendo a faxina de casa.

A limpeza, a tentativa de mostrar que tudo está bem, no seu devido lugar e a lembrança da minha mãe dando corda nos cisnes que ela ganhou do meu pai, todas as vezes que fazia faxina dentro de casa, com a música da caixinha de bailarina (Figura 25).

Aqui eu trouxe o preto, que é a junção de todas as cores, quando tudo finalizava, cor que também representa a morte, sujeira, tristeza, dor, negação, foi a maneira que encontrei para finalizar e para demonstrar que toda essa costura, que vem de várias gerações, estava ali, era eu.

Figura 25 - Fim ou começo?



Fonte: Michéli de Quadros (2023)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao encerro a jornada de “Costurando Santas e Flores”, entrelaço-me profundamente na conexão entre as vidas das minhas avós e minha própria existência. Nesse entrelace, percebo a importância dessa experiência já vivida também no ambiente educacional. A identidade pessoal, tão sutil e muitas vezes esquecida, revela-se como um tecido delicado e fundamental no desenvolvimento de cada indivíduo, especialmente no vasto contexto escolar.

Cada descoberta ao costurar as histórias dessas mulheres que vieram antes de mim, “sangue do meu sangue”, ressalta a urgência de honrar e valorizar as narrativas pessoais, um toque de cor e textura única no tecido da identidade estudantil. Cada fio entrelaça não apenas a compreensão de si mesmo, mas também a percepção do mundo e o modo de interagir com ele.

Olhando para a história de minhas ancestrais, enxergo reflexos luminosos da importância de permitir que cada aluno investigue suas próprias raízes, assim como eu investiguei. Isso vai além de fortalecer o elo entre quem são e de onde vieram; é uma semente para um terreno fértil, um ambiente escolar acolhedor, onde cada voz é considerada e respeitada.

Cada movimento, cada matiz de cor, cada passo sutil e cada palavra escrita carregam um significado que transcende, transformando não só a arte da dança, mas também meu próprio percurso.

Em seus capítulos, honrei minhas raízes, senti as cores ecoarem emoções e memórias, compartilhei os bastidores de um processo criativo íntimo, cada uma das cenas, um complexo tecer de desafios pessoais, superações e celebrações.

A cena final, com todas as cores se fundindo, marcou não apenas o desfecho de uma costura significativa, mas também o despertar de um novo capítulo. O preto, não só como sendo a cor da união de todas as cores, mas o silêncio impactante de “mortes” que tecem o início de algo novo e belo.

Minha performance não foi só uma dança, mas uma homenagem à vida, à perda, à conexão e a transformação. Cada movimento meticulosamente criado/apresentado revelou fragmentos de uma narrativa que transborda os limites do palco.

Encerro esta jornada com um coração transbordando gratidão pela oportunidade de compartilhar não apenas uma dança, mas uma história intensa e

emocionante. Que cada memória e significado entrelaçado em cada movimento ressoe, inspirando reflexões sobre raízes, identidade e uniões.

A dança é uma constante evolução, e “Costurando Santas e Flores” é apenas um capítulo deste prolongado espetáculo. Que cada fio da existência seja entrelaçado com o toque significativo, o amor e a memória, perpetuando a beleza dessa caminhada singular.

É desafiador expressar tudo com palavras, pois sou um complexo emaranhado de cores e tecidos. Todos somos várias costuras em contantes transformações, entrelaçados por diversas histórias e matizes que moldam nossa essência. Represento não apenas o desfecho, mas o começo de muitas costuras, um tecido elaborado onde cada fio entrelaça histórias que me construíram (Figura 26).

Difícilmente conseguirei definir tudo com palavras, acredito ser todas essas costuras e cores que passam por mim a todo momento. Somos uma costura formada por várias pessoas e constantemente tingidos por uma diversidade de cores.

Figura 26 - Obrigada!



Fonte: Michéli de Quadros (2023)

REFERÊNCIAS

BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Memória e família**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, 1989. p. 29-42.

BASSI, Silvana. **Sexualidade Feminina em Privação de Liberdade**: construindo relações sociais mais autênticas. 96 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**: fatos e mitos. São Paulo: DIFUSÃO EUROPÉIA DO LIVRO, 1970.

BEIER, Ana C. **Teoria das cores**: tudo o que você precisa saber! Amazon. 2019. E-book Kindle.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Paulus, dez, 1990. p.1584.

BRIKMAN, Lola. **A linguagem do movimento corporal**. 3.ed. – São Paulo: Summus, 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARON, Marina. **Corpo transborda**: educação somática, consciência corporal e expressividade. 1. ed. – São Paulo: Summus, 2021.

DEFFACI, Kátia S. **“OÔ DE CASA!”**: Um processo de criação cênica a partir da Vicência com mulheres da rota do tropeirismo gaúcho. 2012. 99 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2012.

FORTIN, Sylvie; Gosselin, Pierre. **Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico**. Tradução: Marília Carneiro e Débora Lima. Art Research Journal, v. 1, n. 1, p. 1-17, jan./jun. 2014.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação**: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores, São Paulo: Annablume, 2000.

MIRANDA, Maria B. **Teatros Feministas na Ilha das Bruxas**: Memórias e “herstory” de práticas teatrais feministas em Florianópolis. Seminário Internacional Fazendo Gênero, Florianópolis: UFSC, 2017. p. 1-12.

O GRANDE livro do corpo humano. Nova Leitura, São Paulo, 2021. p. 162.

PEREIRA, Sayonara. **Rastros do Tanztheater no processo criativo de ES-BOÇO, espetáculo cênico com alunos do Instituto de Artes da UNICAMP**. São Paulo: Annablume, 2010.

PINTO, Aline da Silva. **Palavras – Silêncio**. Dicionário Crítico de Gênero. 2.ed – Dourados: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. p. 200-212.

PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. 7.ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

SANTOS, Inaicyr F. dos. **Corpo e Ancestralidade**: Uma proposta pluricultural de dança-arte-educação. 5. ed. [S. l.: s. n.], [ca. 2021].

SANTOS, Maria H. **CORES**: Seus significados e influências em nossas vidas. Amazon. 2014. E-book Kindle.

SCIALOM, Melina; FERNANDES, Ciane. **Prática Artística como Pesquisa no Brasil**: Reflexões iniciais. Revista de Ciências Humanas, v. 22, n. 2, 1-23, jul./dez, 2022.

TAYASSU, Catitu. COLLING, Ana (Org.) **Escrita Feminina**. Dicionário Crítico de Gênero. 2. ed – Dourados: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

VIEIRA, Josênia Antunes. **A Identidade da Mulher na Modernidade**. v.21, n.3. DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, 2005.

